



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIA HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**

LÍLIAN COSTA DE SANTANA

**“VOCÊ JÁ FOI À BAHIA? NÃO! ENTÃO VÁ...”:
GUIA DE RUAS E MISTÉRIOS DE JORGE AMADO**

Salvador
2023

LÍLIAN COSTA DE SANTANA

**“VOCÊ JÁ FOI À BAHIA? NÃO! ENTÃO VÁ...”:
GUIA DE RUAS E MISTÉRIOS DE JORGE AMADO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Profa. Dra. Anna Paula Silva

Salvador
2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S232 Santana, Lílian Costa
Você já foi à Bahia, moça? não! então vá: guia de ruas e mistérios de Jorge Amado /
Lílian Costa Santana, 2023.
72 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anna Paula Silva

TCC – (Trabalho de Conclusão de Curso) - Curso de Graduação em Museologia da
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

1. Museologia – Bahia - Guias. 2. Ruas – Guias - Bahia. 3. Jorge Amado - Ruas. I. Silva,
Anna Paula. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

CDD: 069

LÍLIAN COSTA DE SANTANA

**“VOCÊ JÁ FOI À BAHIA? NÃO! ENTÃO VÁ...”:
GUIA DE RUAS E MISTÉRIOS DE JORGE AMADO**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 10 de julho de 2023.

Banca Examinadora

Anna Paula da Silva – Orientadora _____
Doutora em Artes Visuais pela Universidade de Brasília
Universidade Federal da Bahia

Luciana Messeder Ballardó _____
Doutora em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Universidade Federal da Bahia

Marina Furtado Gonçalves _____
Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal da Bahia

Aos amores da minha vida, Ricardo e Hugo, filhos,
Carmen, mainha, Márcia, Cristina e Suely, irmãs.
Aos que se foram, Delson, painho, Paulo, Lêda e Celso, irmãos.

AGRADECIMENTOS

Ao me despedir desse texto que esteve comigo, em princípio como uma ideia, não imaginava o percurso que ele iria tomar. Elenquei cada capítulo e seus itens há mais de um ano. Questionamentos surgiram sobre como seria possível extrair da literatura tais análises, e foi explorando a obra de Jorge Amado, que me capturou ainda menina, e revendo esses cenários cotidianamente que, percebi, seria possível. Queria ter mais tempo. A pesquisa tem esse poder de nos deixar inconformados.

A verdade é que não conseguiria chegar até aqui sozinha, por isso quero agradecer a professora e orientadora Anna Paula da Silva pela segurança, dedicação e apoio, mas principalmente pelo respeito ao meu trabalho. Eu não conseguiria sem ela que me fez acreditar ser possível. Muito obrigada!

Às professoras Luciana Messeder Ballardo e Marina Furtado Gonçalves pelas orientações na Defesa, momento regado de afeto, estímulo e sabedoria. À professora Joseania Miranda Freitas por aceitar carinhosamente o convite para a suplência.

Às professoras e aos professores, amigas, colegas, pessoas que me ajudaram e me deram oportunidades: Graça Teixeira, Hozana Azevedo, Marcelo Cunha, Altino Bomfim, Priscila Lolata, Arlete, Aiala, Cicélia, Oguimar, Gabriela, Karin, Natalias, Izas.

A todos os professores e professoras e aos colegas que caminharam comigo.

Jorge deu-me a mão e conduziu-me por mundos, os mais
distantes, os mais estranhos, os mais fantásticos.

Zélia Gatai (2002)

Santana, Lílian Costa. **Você já foi à Bahia, Moça? Não! Então vá:** guia de ruas e mistérios de Jorge Amado. 2023. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender o discurso de Jorge Amado sobre a cidade de Salvador, a partir da sua obra *Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador*, debruçando-se sobre suas escolhas e renúncias. Portanto, busca alcançar suas escolhas a partir dos patrimônios, contextos políticos, círculos literários, conexões de sociabilidade e cenários econômicos da época; e suas renúncias às hierarquias espaciais e distinções sociais, aproximando-se do povo e da sua cultura. Nesse sentido, o trabalho visa analisar o guia, especificamente, como literatura sobre a cidade em direção à agência de Amado, bem como alcançar o contexto histórico brasileiro sobre o qual deu-se a trajetória do autor para a produção do guia. A partir disso, o trabalho empreende uma abordagem qualitativa entendida como exploratória para tensionar a narrativa de Jorge Amado e o que ele intercede, a partir dos contextos escolhidos sobre a cidade de Salvador. Assim, a pesquisa apresentada não perde de vista a plástica da obra, a forma incomum de apresentação da cidade, os impactos urbanísticos das primeiras décadas do século XX, a emergência do turismo no Brasil e a significação identitária.

Palavras-Chave: Guia das ruas e dos mistérios. Guia. Jorge Amado. Salvador.

Santana, LÍlian Costa. **Lady, have you ever been to Bahia? No! Then go:** a guide to the streets and the mysteries by Jorge Amado. 2023. 69f. Undergraduate Thesis (Museology Degree) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

ABSTRACT

This research seeks to understand Jorge Amado's discourse on the city of Salvador based on his work *Bahia of All-Saints: a guide to the streets and mysteries of the city of Salvador*, focusing on his choices and renunciations. Therefore, it seeks to reach his choices based on the heritage, political contexts, literary circles, sociability connections, and economic scenarios of the time, and his renunciations of spatial hierarchies and social distinctions, approaching the people and their culture. In this sense, the work aims to analyze the guide as literature about the city towards Amado's agency just like to reach the Brazilian historical context on which the author's trajectory to produce the guide took place. From this, the work undertakes a qualitative approach understood as exploratory to tense Jorge Amado's narrative and what it intercedes from the contexts chosen about the city of Salvador. Thus, the research presented does not lose sight of the plasticity of the work, the unusual way of presenting Salvador, the urbanistic impacts of the first decades of the 20th century, the emergence of tourism in Brazil, and the identity signification.

Keywords: Guide to the Streets and Mysteries. Guide. Jorge Amado. Salvador.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Atmosfera da Cidade por Manuel Martins.....	16
Figura 2	Capa da 1ª edição do livro Bahia de Todos os Santos por Clóvis Graciano.....	19
Figura 3	Capa da 27ª edição de Baía de Todos os Santos.....	22
Figura 4	Vendedor de frutas subindo ladeira em meio aos sobrados.....	26
Figura 5	Casebres da Estrada da Liberdade.....	27
Figura 6	Cerimônia do Candomblé por Manuel Martins.....	30
Figura 7	Cerimônia do Candomblé por Carlos Bastos.....	31
Figura 8	A praça Tomé de Sousa no dia seguinte ao Quebra Bondes.....	37

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

CBTU	Companhia Brasileira de Trens Urbanos
CNT	Conselho Nacional de Turismo
CLCC	Linha Circular de Carris da Bahia
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo
INCE	Instituto Nacional de Cinema Educativo
INL	Instituto Nacional do Livro
IPAC-BA	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MAE-UFBA	Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia
MAFRO-UFBA	Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia
PCB	Partido Comunista Brasileiro
RFFSA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TCB	Touring Club do Brasil
UFBA	Universidade Federal da Bahia
USP	Universidade de São Paulo
VFFLB	Viação Férrea Federal Leste Brasileiro
VLT	Veículo Leve sobre Trilhos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	BAHIA DE TODOS OS SANTOS: GUIA DE RUAS E MISTÉRIOS SOB LENTES DE JORGE AMADO.....	16
2.1	BAHIA DE TODOS OS SANTOS: GUIA DE RUAS E MISTÉRIOS, ENTRE O PLÁSTICO E O LITERÁRIO.....	21
2.2	A PROMOÇÃO DA CIDADE ATRAVÉS DA PALAVRA E DA IMAGEM, REALIDADE E FICÇÃO.....	31
2.3	DENSIDADE HISTÓRICA, QUESTÕES PATRIMONIAIS, CULTURAIS E DE TURISMO.....	35
3	PERCURSOS ATÉ O GUIA: REDES E CONTEXTO POLÍTICO-HISTÓRICO, ARTÍSTICO E CULTURAL.....	41
3.1	CÍRCULOS LITERÁRIOS, INTELECTUAIS E POLÍTICOS.....	45
3.2	O ARTISTA SOCIAL E O REGIME [GOVERNO]: UM ESTADO DE AMBIGUIDADES.....	47
3.3	PRESSUPOSTOS CULTURAIS LITERALIZADOS.....	49
4	VOCÊ JÁ FOI À BAHIA, MOÇA? NÃO! ENTÃO VÁ ...	52
4.1	A LITERATURA E O MODERNISMO BAIANO.....	56
4.2	O REPERTÓRIO TEMÁTICO DA BAHIA NA LITERATURA DE CADA DIA.....	59
4.3	A REVERBERAÇÃO DO GUIA.....	62
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
	REFERÊNCIAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

Cheguei¹ em Periperi, bairro de Salvador localizado no Subúrbio Ferroviário, ainda adolescente. Minha família fixou residência nesse lugar devido a transferência de meu pai da cidade anterior que morávamos, para Salvador, solicitada pela empresa que ele trabalhou a vida inteira, a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), mais conhecida como Leste. O nome anterior era Viação Férrea Federal Leste Brasileiro (VFFLB), criada em 1935, no Governo de Getúlio Vargas, com capital franco-belga que explorava as principais linhas férreas do Estado da Bahia.

Vivíamos nos mudando de cidade em cidade, mas Salvador foi a última transferência de meu pai e Periperi o último bairro que ele morou. O topônimo “Periperi” vem do termo tupi *piripiri*, nome de um tipo de junco, uma planta que na inflorescência se parece com bicos de pássaro. Eu vi muitas dessas plantas nas varandas das casas em Periperi, depois não vi mais. Ainda continuo morando em Periperi, na Rua Eugênio Birne. Periperi foi o bairro escolhido pelo escritor Jorge Amado para ambientar o seu romance *Velhos Marinheiros* (1961), que eu li quando nem imaginava que ia morar por aqui.

Só de raro em raro um fato inesperado rompe a monotonia dessa vida suburbana. Isso de março a novembro, porque nos três meses de férias, dezembro, janeiro, fevereiro, todos esses arrabaldes da Leste Brasileiro, dos quais Periperi é o maior, o mais populoso e o mais belo, enchem-se de veranistas. Muitas das melhores residências ficam fechadas durante quase todo o ano, pertencem a famílias da cidade, abrem-se apenas no verão. Aí então anima-se Periperi, invadido de repente por uma juventude álaçre: rapazes a jogar futebol na praia, moças de maiô estendidas ao sol na areia, barcos a cruzar as águas, passeios, piqueniques, festinhas, namoros sob as árvores da praça ou na sombra dos rochedos (AMADO, 2009 [1961], n.p.).

Quando eu iniciei o curso de Museologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), os trens ainda operavam, sob o comando agora da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), e faziam o trajeto Paripe até a Calçada, ida e volta, o que encurtava o caminho, evitando o intenso trânsito da Avenida Afrânio Peixoto. Fiz esse percurso várias vezes. Embarcava na estação de trem, inaugurada na década de 1860, que fica em frente aos enormes tamarindeiros, tendo ao fundo a praia de Periperi. No percurso, dava para ver alguns patrimônios bem antigos da cidade, como a Igreja de Nossa Senhora de Escada, construída no século XVI e restaurada no século XX, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico

¹ Eu peço licença à banca para a escrita da introdução em primeira pessoa do singular, uma vez que abordo minha trajetória de vida.

Nacional (SPHAN),² e antiga Fábrica São Brás, em Plataforma, localizada num sítio que data da época da colonização, sob a proteção do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC-BA). Coqueiros, pescadores, redes e barcos não faltavam no percurso. Em fevereiro de 2021, por decisão do Governo do Estado, os trens pararam suas operações em definitivo, após mais de 160 anos de funcionamento, sob protestos da população que dependia desse transporte barato, com passagem no valor de 0,50 centavos de real. A promessa era de implantação de um novo sistema modal, o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), em no máximo dois anos, o que não aconteceu. Quando a paralisação dos trens foi anunciada, apenas um mês antes, tempo considerado insuficiente para a preparação de um novo orçamento familiar, muitas pessoas que nunca tinham feito essa viagem, por morarem na cidade alta ou em outros bairros, vieram para fazer o trajeto e se despedir.³

No retorno, fazia quase sempre o mesmo caminho pela Avenida Contorno, só para ter a vista quase completa da Bahia de Todos os Santos pela janela do transporte público. Que privilégio o meu ter essa vista ida e volta no meu percurso e de morar nessa cidade. Por vezes, reflito sobre como a minha trajetória de vida como estudante de Museologia foi um divisor de águas, de transformação no meu comportamento e na minha maneira de pensar e viver a vida. Como o meu olhar e atitude agora estava sob a perspectiva da Museologia e que questões como preservação, patrimônio, memória e referências culturais dos diversos grupos que compõem a sociedade estavam fazendo parte dessa nova formação.

Durante o curso, fiz os estágios curriculares no Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO-UFBA) e extracurriculares no Memorial da Câmara de Salvador e Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-UFBA), e percebi como esse perímetro turístico do Centro Histórico da cidade atravessou minha vida acadêmica. Fiz uma conexão com a literatura que sempre fez parte das minhas leituras quando ainda era muito jovem. Minha família colecionava os livros de Jorge Amado e me recordo que todos os meses o vendedor aparecia na porta trazendo um novo romance para aumentar a coleção. Os cenários, velhos conhecidos nos livros de Amado, passaram a fazer parte do meu cotidiano, agora sob a perspectiva museológica, muito difundida nas aulas sobre História e Patrimônio da Bahia, especialmente. Dessa forma entendi que para o meu trabalho de conclusão de curso, seria possível acessar essa cidade por meio do patrimônio, da Museologia e da literatura de Jorge Amado.

² Primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

³ Ver matéria jornalística no G1, disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/02/13/ultima-viagem-do-trem-do-suburbio-ocorre-neste-sabado-sistema-deixa-de-operar-para-inicio-das-obras-do-vlt.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2023.

Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador foi a obra escolhida para o trabalho, porque é um testemunho da memória e do patrimônio artístico e cultural sobre a cidade e o seu povo. A escolha se deve também às conexões existentes com o autor. Amado escreveu o guia turístico enquanto morava em Periperi e, buscando conversar com antigos moradores, recebi a informação de que ele morava na Rua Eugênio Birne. No romance *Os Velhos Marinheiros* (1961), romance ambientado em Periperi, o autor cita um personagem, que de fato existiu, que morava também nessa rua, figura emblemática de Periperi.⁴

Jorge Amado e a cidade de Salvador são os personagens, e o guia turístico desse autor o tema desse trabalho, despertado pelo interesse de compreender o guia como o vetor de conhecimento sobre a cidade e a agência desse escritor entusiasta da cidade e memorialista. O guia, enquanto literatura, coloca a cidade como protagonista, um lugar de potência, cujo patrimônio revela as dores e os sabores.

Nos limites deste trabalho, busquei um significado para a agência desse escritor, que através da literatura, num guia turístico, numa rede de contexto impensável, descreve a cidade a partir das suas desigualdades e desagregação social, trazendo compreensão para o espaço urbano e construindo o imaginário com lendas e mistérios, a partir da cultura da cidade e da “mística” do lugar. Como o autor narra a cidade, o seu povo e a si mesmo a partir dessa obra, levando em conta os seus percursos, os seus círculos literários e intelectuais e o contexto político da época.

As hipóteses são: convicções políticas, hierarquias espaciais impostas num sistema que jamais absorveu toda a população, evocação do passado, perdas de espaços políticos e o fato de que a cidade caminhou a passos muito mais lentos em relação a outras metrópoles do país no quesito modernização, o que levou Salvador a conservar uma parte significativa do seu conjunto colonial português, fazendo com que o autor pudesse se utilizar desse salvamento para promover a cidade.

No processo de descobrimento do século XVI, os portugueses constituíram um núcleo colonial na Baía de Todos os Santos, ponto de apoio na costa atlântica ocidental para a carreira das índias e para a conquista das terras do Brasil. A apropriação deste espaço constituído pela baía e seu entorno tornou-se possível pela articulação de elementos da tecnologia avançada no século XVI: o engenho de açúcar, as artes de navegação e as técnicas de construção naval. Sobre esta base tecnológica instalou-se uma agroindústria açucareira e uma complexa sociedade escravista que, qual um umbigo, alimentaram a construção do Brasil português. (CAROSO *et al*, 2011, p. 51).

⁴ “Sei que Jorge Amado morou na Rua Eugênio Birne, e a citação Barraca de Biriú no romance *Os Velhos Marinheiros*, é de um personagem real, morador da mesma rua.” Depoimento de Arcenia Teixeira Correa Fernandes, médica pediatra da minha família.

Considerando que o maior acervo desses estudos se concentra na Literatura, Letras, Antropologia Social e Turismo, realizei uma pesquisa bibliográfica, com foco no guia e nos trechos sobre os locais que definem esse lugar de Salvador e os seus patrimônios e no autor como seu intérprete e natural da Bahia. Sendo assim, busquei empreender uma abordagem qualitativa que se caracteriza como exploratória para entender a narrativa de Jorge Amado e o que ele defende, a partir dos contextos escolhidos sobre a cidade de Salvador.

Portanto, o objetivo principal deste trabalho é compreender a narrativa de Jorge Amado sobre Salvador, considerando suas escolhas a partir dos patrimônios e dos contextos políticos, sociais e econômicos à época. Além disso, os objetivos específicos são analisar o guia como literatura sobre a cidade na agência⁵ de Amado; compreender o contexto histórico brasileiro antes e durante a produção do guia a partir das trajetórias do autor; entender o guia como um vetor exponencial sobre a cidade e a relação com a carreira de Jorge Amado; analisar a contribuição do discurso amadiano no guia, como referência de uma idealização de turismo para a capital, promoção da cidade e construção do imaginário baiano.

De acordo com essas intenções, no primeiro capítulo, o guia foi apresentado na forma lírica que o autor escolheu narrar a cidade, durante a década de 1940, representando-a como a original, aproximando-se do povo através da sua própria vivência e convivência. Quando solicitado pela sua editora para escrever o guia, Amado teve ao seu dispor um artista plástico e um ilustrador, para junto com a sua literatura pudessem criar um imaginário baiano, que despertasse no leitor o desejo de conhecer a cidade.

Os guias de cidade começaram a se multiplicar nas décadas iniciais do século XX, época em que as viagens se popularizavam. Gilberto Freyre, que conhecia os guias europeus e americanos, deu início ao modelo, no recente mercado editorial do Brasil, e lançou em 1934 um consagrado à Recife e, mais tarde, outro para Olinda. Chama a atenção como nessa época Salvador ainda era conhecida como cidade da Bahia, aparentemente era a vontade do povo de continuar chamando-a assim, simplesmente Bahia. Para Amado, uma cidade negra, mas também portuguesa. As narrações sobre o temperamento baiano se avolumaram no guia, como também a exaltação da miscigenação vista como positiva.

De atípico, a forma de apresentar aos visitantes bairros proletários, distinções sociais e um Centro Histórico decadente. A cidade já havia passado por um impacto urbanístico nas

⁵ O sentido de agência empregada no trabalho considera a concepção de Alfred Gell (2018), que neste trabalho é mobilizada para abordar Jorge Amado como um agente que escolhe contextos e produz conhecimento sobre Salvador, elencando patrimônios, histórias e representações culturais do povo para a circulação e a promoção da cidade.

primeiras décadas do século XX, pela ganância de poder e em nome de intentos modernizadores. Algumas ruas já haviam sido rasgadas e patrimônios históricos culturais se perdido, e a sensação de uma cidade que não existe mais é descrita no guia.

No segundo capítulo, se fez necessário traçar a trajetória do autor em meio a uma rede de contexto histórico e artístico para compreensão da produção do guia. A profundidade dos acontecimentos do início do século XX como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), resultado do declínio dos impérios ocidentais liberais, ressentimentos e rivalidades econômicas, a queda da Bolsa de Nova York (1929), as revoluções e oposições internas e às margens dos impérios, fizeram surgir, em algumas circunstâncias, Estados totalitários. Na repercussão dos primeiros acontecimentos surge o vanguardismo artístico europeu.

No Brasil acontece a Semana de 1922 e Gilberto Freyre lança seu Manifesto Regionalista, em 1926, propondo o enaltecimento das culturas regionais, para o abandono da imitação dos valores culturais do ocidente imperial, sem, contudo, abdicar da modernidade. Jorge Amado integra a *Academia dos Rebeldes*, grupo de jovens na contramão do academicismo e pró valorização do popular. É o início da carreira literária de Amado. Com a Revolução de 1930 tem início a Era Vargas, apropriando-se de símbolos regionais para integração nacionalista e para a emergência do turismo no Brasil, configurado, entre outros aspectos dotados de historicidade, pela modernidade.

No terceiro capítulo é possível perceber que, enquanto realidade econômica, equipamentos culturais como patrimônio, modo de ser do povo baiano, negritude e miscigenação, são capazes de gerar fluxos turísticos culturais, sob uma narrativa que, de forma embrionária, passa a dar corpo a uma identidade cultural fabulada. Não podemos deixar de dizer que fatores relevantes, como jogos de relações e relações de poder, como mostra o capítulo, contribuíram para esses acontecimentos.

Acredito que esse trabalho contribuirá para pensar a cidade através das múltiplas faces da literatura. Não é ineditismo tomar a literatura para explicar o espaço urbano, seu patrimônio, sua cultura e sua memória, podendo ser um instrumento de análise para a Museologia.

2 BAHIA DE TODOS OS SANTOS: GUIA DE RUAS E MISTÉRIOS SOB LENTES DE JORGE AMADO

Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador tem Jorge Amado como seu narrador. Concebido para ser um guia turístico, o livro começou a ser escrito em 1944, quando foi encomendado a Jorge Amado por José de Barros Martins, editor da Martins Editora, e publicado em 1945.

Êste guia das ruas e dos mistérios da Bahia é dedicado a José de Barros Martins que me levou a escrevê-lo, a Sérgio Milliet, Dante Bufoni, Fernando de Barros e a Moacir Guimarães, sertanejo que, quando está na capital, é o dono absoluto da cidade, seu verdadeiro e indiscutível dono, seu anfitrião também. (AMADO, 1945, p. 9).

Sobre Jorge Amado, o editor que deteve mais 25 edições do guia até 1975, disse:

Ninguém melhor que Jorge Amado para escrever um Guia da Bahia de Todos os Santos. Romancista daquela região do país, profundo conhecedor da capital baiana, sensibilidade que oscila entre lírico e o dramático, haverá de ser ele quem maiores aptidões apresentava para descrever a fisionomia e as peculiaridades da “mãe das cidades brasileiras”, como a chamam alguns. [...] Com tal verismo e força Jorge Amado põe dentro das páginas do livro todo aglomerado humano da cidade, os seus ornamentos naturais ou não, bem como as suas tristezas e dores, que é possível ao leitor sentir na sua carne [...]. Para que o leitor melhor visualize a cidade do Salvador, o livro está enriquecido pelas admiráveis ilustrações do artista Manuel Martins, as quais interpretam magnificamente o espírito da obra, isso porque como salienta Jorge Amado ‘nunca uma pessoa e uma cidade se compreenderam e entenderam tão bem quanto o pintor Manuel Martins e a cidade da Bahia’. (AMADO, 1945, n.p.).

Figura 1 - Atmosfera da Cidade por Manuel Martins



Fonte: (AMADO, 1945, p. 31).

Na década de 1940, a cultura local baiana vivia um momento de transformação com uma proposta modernista⁶ de valorização do popular, reflexo do que viria a ser o guia de 1945, de Amado. Artistas baianos e de outros estados estavam consonantes nesse propósito. O artista plástico Manuel Martins desembarcou por aqui, como noticiou os jornais:

A Bahia desde ontem tem a satisfação de hospedar uma figura da pintura nacional. Trata-se do pintor paulista, Manoel Martins, que aqui se encontra recrutado pela Livraria Martins, de S. Paulo, a fim de colaborar com os festejados escritores Jorge Amado e Wilson Lins, na confecção do ‘Guia da Cidade do Salvador’, obra que certamente contará com a assistência de poderes públicos, dada a sua transcendental importância. O pintor Manoel Martins transportará para a tela, aspectos típicos de nossa terra, emprestando, assim, o seu valioso concurso para o êxito que é de esperar-se obtenha o importante trabalho. (O IMPARCIAL, 10 jun. 1944).

Encontra-se nesta capital, desde ontem, o pintor paulista sr. Manoel Martins, que vem trabalhar na preparação do ‘Guia das ruas e dos mistérios da Bahia’, cuja parte literária está a cargo do escritor Jorge Amado e que será editado pela “Livraria Martins” [...] (A TARDE, 1944, p. 4).

Wilson Lins que havia chegado na cidade para juntamente com Amado escrever o guia, era também proprietário do Jornal Imparcial e tecia críticas ao movimento (FERREIRA, 2018)

— acaba não escrevendo o guia, não aparecendo nos agradecimentos do autor:

Entre as várias pessoas que de alguma maneira me auxiliaram para a feitura deste guia das ruas e dos mistérios da Bahia, quero agradecer ao dr. Jorge Calmon, ao dr. Alfredo Imbassahy, ao dr. Manuel Caetano Filho e ao espantoso Motinha que tanta coisa sabe sobre a Bahia. Quero também agradecer ao pintor Manuel Martins que deixou seus afazeres em São Paulo para demorar-se na Bahia realizando as ilustrações deste livro. (AMADO, 1945, p. 303).

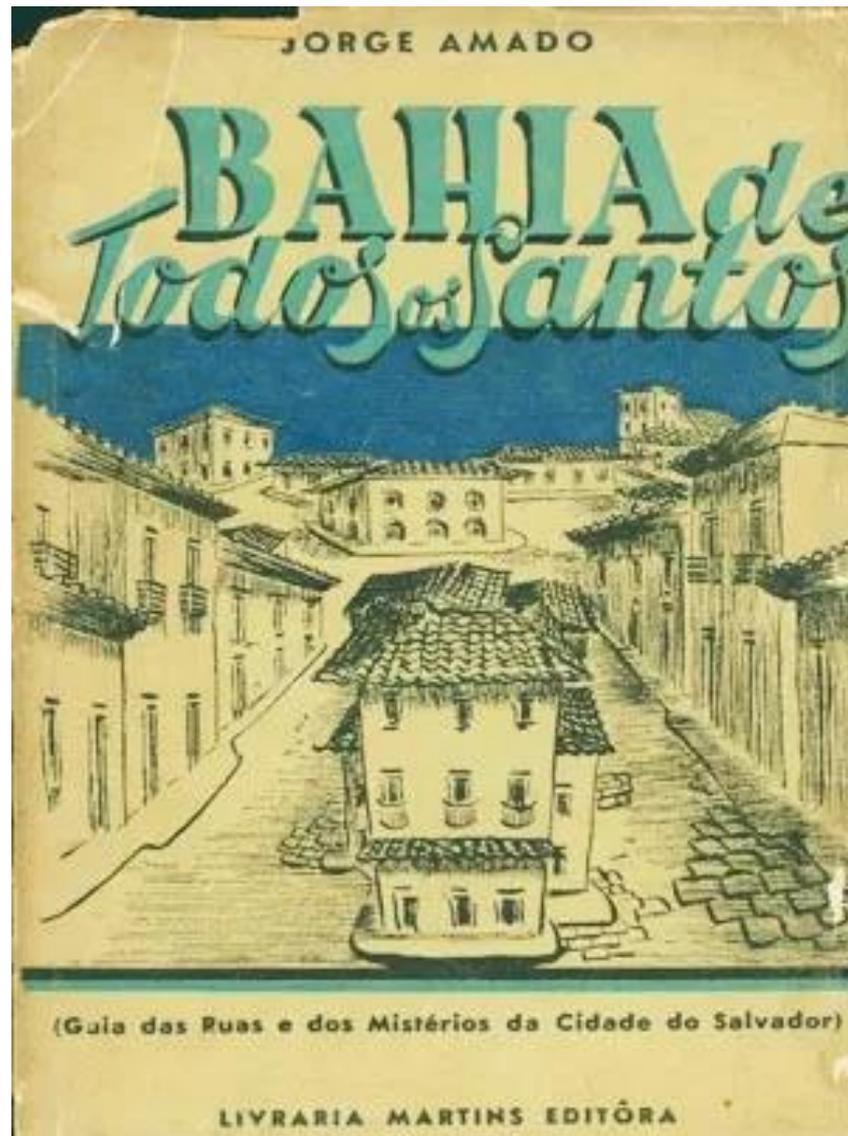
⁶ “O período imediato após a Guerra quebrava convenções sociais e de linguagem, modificando a estrutura econômica, científica e tecnológica do mundo. Foi a fase de confronto entre o liberalismo e o socialismo. Começaram a quebrar-se as atitudes ortodoxas e dogmáticas o que permitia o aparecimento de duas forças contrárias em todas as áreas da atividade humana. Nas artes baianas se opuseram o antigo, ou clássico realista, e o novo que aparecia sob a designação genérica de moderna. [...]. Em 1944, Manoel Martins do grupo Santa Helena de São Paulo foi à Bahia para ilustrar o livro Bahia de Todos os Santos, de Jorge Amado. Aproveitou a oportunidade e organizou uma exposição de obras de Segall, Gomide, Walter Levy, Augusto Rodrigues, Clovis Graciano, Flávio de Carvalho e obras de outros como Pancetti, Portinari, Cícero Dias, Di Cavalcanti, Scliar pertencentes a colecionadores da cidade. Houve reações, especialmente por parte da imprensa, mas foi quando se solidificou a vontade dos baianos em seguir outros rumos nas artes plásticas. [...] Nesse período o meio cultural se modificou. Foi criada por Edgar Santos, por exemplo, a Universidade da Bahia que, em 1946, federalizou-se. A essa altura Mário Cravo Júnior já fizera sua aparição nos Salões da Ala (1944) e, com Carlos Bastos e Genaro de Carvalho, formava o primeiro grupo de modernistas baianos. [...] Os primeiros modernistas baianos, como acontecera no Sul, na Semana de 22, não tentavam uma mera absorção da atualidade européia. Tanto chegavam a uma via renovadora da arte, quanto buscavam uma arte nativa com ares locais e que fosse, antes de tudo, baiana. A busca das fontes populares como inspiração pode ser citada como uma constante naqueles que introduziram o germe da renovação artística na Bahia”. (FLEXOR, 1997, p. 175 *apud* FERREIRA, 2018, p. 26).

Na primeira edição do guia, a representação da cidade durante a década de 1940 é o sujeito central da narrativa de Amado, em defesa de sua imagem histórica que já entrava em conflito à época com os interesses e as interferências modernas (FERREIRA, 2018).

Clóvis Graciano,⁷ ilustrador e pintor, foi convidado para fazer a capa do guia (Figura 2) e o artista plástico Manuel Martins para fazer a sua ilustração interior — com o objetivo de traçar o panorama património, cultura e turismo narrado por Amado. A capa da primeira edição do guia, traz a imagem do antigo centro no Pelourinho, *locus* de memória, sobre um refletir da importância da salvaguarda desses significados e mais que isso, arrebatar o leitor para ser tocado pelo roteiro do guia, trazendo à cena o Patrimônio Histórico: "Os sobradões te esperam [...] sob um céu de admirável limpidez, na fímbria do mar ou pela montanha onde corre sempre uma cariciosa aragem, vive o povo mais doce do Brasil [...]" (AMADO, 1945, p. 16).

⁷ Clóvis Graciano cria a capa para a 1ª edição alinhada com a proposta do texto verbal amadiano e com as ilustrações confeccionadas por Manuel Martins que são pouco comerciais para estarem no invólucro, por conta do estilo e do realismo das gravuras. (FERREIRA, 2018, p. 187).

Figura 2 - Capa da 1ª edição do livro Bahia de Todos os Santos por Clóvis Graciano.⁸



Fonte: Acervo Zélia Gattai/Fundação Jorge Amado.⁹

À época e por muito tempo, Salvador era conhecida como “cidade da Bahia”, dentro e fora do país, e Amado assim se referiu a ela muitas vezes no guia. Foi o centro urbano da Baía de Todos os Santos. Denominada como São Salvador da Bahia de Todos os Santos por

⁸ “Graciano procurou retratar na primeira capa do guia, em primeiro e segundo plano e com profundidade, os antigos casarões que compunham as ladeiras do velho centro, ganhando o olhar do leitor/consumidor logo de início. O título na cor azul é para remeter a cor do mar da Baía de Todos os Santos, assim como do céu da cidade da Bahia de Todos os Santos, e não remete à religiosidade da cidade, com seus santos, orixás, igrejas e terreiros de candomblés, como na capa de Carlos Bastos para a 27ª edição [...]. Graciano não buscou retratar a religiosidade, nem as pessoas, o povo habitante dessas residências à época, mas procurou, sobretudo, marcar que a velha “cidade da Bahia” é uma cidade histórica, com sua riqueza patrimonial que precisa ser conhecida, preservada e visitada pelos turistas”. (FERREIRA, 2018, p. 189).

⁹ Essa imagem encontra-se disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/08/bahia-de-todos-os-santos-obra-de-jorge-amado-que-retrata-salvador.html>. Acesso em: 9 maio 2023.

portugueses católicos, em 1549, na ocasião de sua fundação, era antes chamada de Bahia de Todos os Santos, desde sua ocupação, não demorou para que o nome de batismo fosse substituído pelo curto vocábulo Bahia. Este, por sua vez, foi adotado para nomear a Capitania, depois, a Província e, mais tarde, o Estado, como explica Luís Henrique Dias Tavares (2008, p. 49-50):

O nome do estado da Bahia originou se da denominação dada pelo piloto Américo Vespúcio ao golfo que ele alcançou em sua primeira viagem ao litoral das terras do Brasil. Como isso sucedeu no dia 1º de novembro de 1501, dia santo, dedicado a Todos os Santos, assim Vespúcio denominou aquele acidente geográfico. [...]. A capitania da Bahia só apareceu com esta denominação no regimento do provedor mor Antônio Cardoso de Barro, datado de 17 de dezembro de 1548. [...]. Parece que o nome Bahia se estendeu folgadoamente ao litoral e ao interior na segunda metade do século XVI. [...]. Frei Vicente do Salvador foi mais explícito: ‘Toma esta capitania o nome de bahia por ter huma tão grande, que por antonomásia e excelência se levanta com o nome comum e apropriando se a si se chama Bahia’. No correr do tempo, Bahia (com h) passou a valer para o vasto território baiano.

A Baía de Todos os Santos, que dá título ao guia, é um mar de águas formado por 56 ilhas, sendo Itaparica a maior ilha marítima do Brasil. É a maior baía brasileira e a segunda maior do mundo, com 1233 km². De magnífica paisagem natural e território de ocupação indígena, a baía torna-se a principal entrada de convergência ao território que veio mais tarde a receber cidades, municípios, populações e patrimônio construído, como descreve Antônio Risério, em *Uma história da Cidade da Bahia* (2004, p. 20):

A Bahia de Todos os Santos é nosso mar interior. Nosso mediterrâneo, com sua cidade nascida no cimo do alto monte, de olhos postos nesse mesmo mar. Já em sua Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, o jesuíta Simão de Vasconcelos escrevia: ‘A Bahia de Todos os Santos, se houvesse de descrever aqui suas grandezas, largura e circunferência de suas águas, de suas ilhas, de seus recôncavos, e dos muitos rios caudalosos a pagar lhe tributo, fora cousa mui larga. Baste dizer, que esta só parte do Brasil, com seus arredores, é capaz de um Reino’. São 1000 km² de águas claras e cálidas, trezentos quilômetros de costa.

A literatura é a arte da palavra que também produz imagens (FERREIRA, 2018), de maneira autônoma, ainda que conviva com outras manifestações artísticas. Para traduzir toda essa “Cidade da Bahia”, composta de paisagens naturais, como descritas pelo jesuíta, de patrimônio histórico, de arte, da vida e da cultura do povo baiano, do real e do ficcional, Amado justapôs aspectos ilustrativos à sua narrativa, entretendo o leitor/viajante num jogo de muito magnetismo, como parte do processo criativo de um guia em movimento com objetivo de mover o outro para conhecer esse lugar.¹⁰ As representações imagéticas contidas no guia, como em

¹⁰ “Esta Bahia de Todos os Santos lhe pega bicho carpinteiro e uma vontade danada de ir lá conferir. [...] Desde o convite que serve de prólogo e a entrada na ‘Atmosfera da cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos’, título

sua obra, foram, ao longo das suas edições, realizadas por artistas convidados por Amado, com os quais ele mantinha uma parceria texto/ilustração, ligadas pela arte, e que juntos, o plástico e o literário, ajudaram a construir uma imagem turística para a Bahia (FERREIRA, 2018).

2.1 BAHIA DE TODOS OS SANTOS: GUIA DE RUAS E MISTÉRIOS, ENTRE O PLÁSTICO E O LITERÁRIO

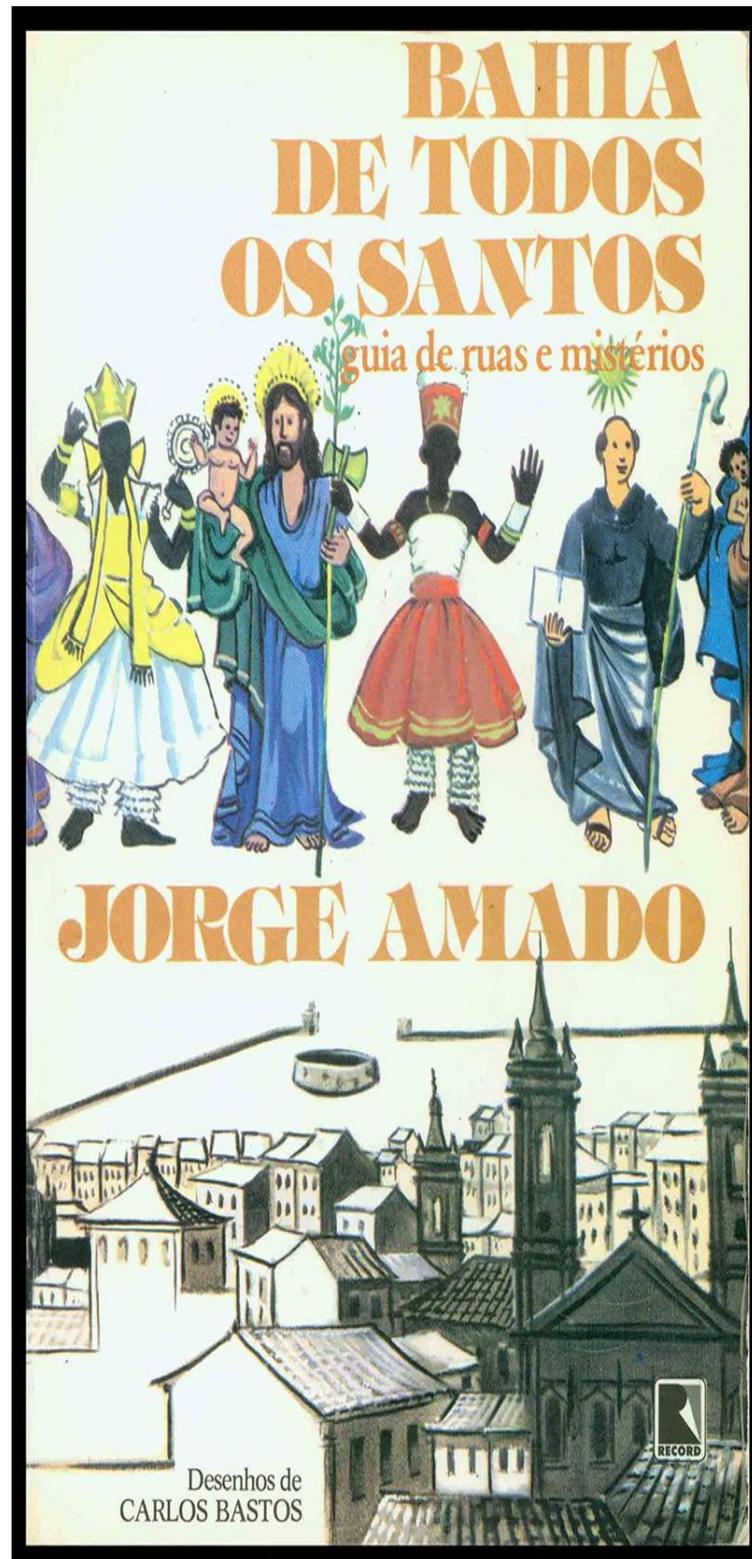
Jorge Amado inicia a escrita do guia em Periperi, bairro no subúrbio da capital baiana, em 1944, e em 1945 o livro é publicado, passando por uma primeira atualização na sua oitava edição, no início de 1960, com fotografias de Flávio Damm. Na sua décima segunda edição, em 1966, volta a ser revisto. O autor não faz alterações significativas no que havia narrado sobre a cidade e seu povo, pois para ele nada mudou *a Bahia no fundamental*, referindo-se principalmente à sua antiga estética e aos seus problemas de sempre.

Outras edições também foram revisadas: 19ª (1970), 27ª (1977), 28ª (1980) e 34ª (1986), na intenção de atualizar a cidade em seu termo e em sua cultura, sendo a edição de 1977¹¹ (Figura 3) a que mais passou por atualizações, inclusive com a redução do título do livro. Ao todo foram cerca de 42 edições, 26 delas pela Livraria Martins Editora, como já mencionado, 16 edições pela Editora Record, volta a ter uma nova edição em 2012 pela Companhia das Letras, que passa a deter o direito de reeditar as obras do autor, e com tradução para outras línguas.

do primeiro capítulo, o rio caudoloso da prosa do escritor começa a arrebatar no sortilégio estuante que, no entanto, jamais se exalta no declamar do deslumbramento porque está sempre entremeado de alerta”. (TOZZ, 1977, n.p.).

¹¹ “[...] A revisão de 1977 está intrinsecamente ligada ao momento em que ganha força a comercialização do turismo na Bahia pelo governo estadual e com a articulação de uma imagem para a cidade criada pelos artistas da terra, iniciativa que já vinha acontecendo desde o fim dos anos 60, na qual Jorge Amado estava inserido e dando as suas contribuições para a construção da imagem turística da cidade. Esse movimento de empenho entre os intelectuais e os empresários baianos e o governo estadual vai transformar a Bahia em um importante polo turístico do país. [...] A cidade da Bahia de 77 já não era mais a mesma da década de 40. A modernização, o estabelecimento das indústrias, da Petrobrás, o surgimento e o fortalecimento de muitos blocos afro, o crescimento do carnaval e o investimento em turismo diante da construção de uma nova imagem para a cidade, naquilo que foi definido como baianidade, teve a importante contribuição advinda da obra romanesca e do guia produzidos pelo escritor Jorge Amado, que criou essa mentalidade identitária e turística, definindo o que seria o baiano e a Bahia, tomada de empréstimo pelo discurso político, no governo de Antonio Carlos Magalhães, que se apropria desse discurso literário para firmar as bases da imagem turística da cidade do Salvador e do Estado da Bahia. A projeção dada à cidade na edição de 1977 vai exaltar as belezas naturais e as riquezas patrimoniais somadas à religião e cultura negra, tanto na modalidade da narrativa verbal quanto nos desenhos em preto e branco, de traços claros e precisos de Carlos Bastos, que buscaram mostrar uma Bahia que sabe aliar a história e a modernidade, os orixás e os santos, o povo e a sua riqueza cultural, o mar de saveiros e as ruas tomadas pelas “baianas de acarajé”, diferentemente do guia de 1945, que mostra e denuncia uma Bahia miserável e desigual, com seus casarões em ruína e os trabalhadores em suas atividades diárias”. (FERREIRA, 2018, p. 131,181).

Figura 3 - Capa da 27ª edição de Baía de Todos os Santos.



Fonte: Disponível em: <https://www.jorgeamado.org.br/livros/bahia-de-todos-os-santos/>. Acesso em:

15 maio 2023.

A primeira edição do guia escrito por Amado, a qual mais nos interessa neste trabalho, decerto veio na trilha de outros guias de viagens que estavam sendo relançados na década de 1940 como o *Guia prático, histórico e sentimental do Recife* (1942) e *Olinda — segundo guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira* (1944), ambos de Gilberto Freyre, e o *Guia de Ouro Preto* (1938), de Manuel Bandeira. Segundo Lúcia Lippi de Oliveira (2011), Gilberto Freyre, igualmente, anunciou que escreveria, de forma histórica e sentimental, um guia sobre a cidade de Salvador, mas absteve-se ao ver que seu amigo Amado já o estava realizando. No entanto, ao concordar em escrevê-lo, Amado tratou de acrescentar ao guia temas sobre o patrimônio histórico, a memória, a preservação e a desigualdade social, narrando numa linguagem literária a cidade.

A série de livros tradicionalmente publicados, entre as décadas de 1940 e 1960, na Bahia, era uma espécie de guias turísticos em formato de literatura, como também padronizados. Estes eram muito parecidos entre si, pois traziam história, roteiros, artes e letras, culinária, festas populares, riquezas naturais e reflexões sobre relações raciais. Os livros foram um conjunto de meios que disseminaram as imagens da cidade, tornando-se um espaço privilegiado de representação do patrimônio cultural e da narrativa de baianidade,¹² como explica Osmundo Pinho (1988, p. 4-5):

Na falta de termo melhor, utilizo aqui a expressão 'guias de baianidade' para referir-me a uma longa lista de livros (Góes, 1961; Torres, 1961; Peixoto, 1945; etc.) publicados desde pelo menos a década de 40 como uma espécie de guia de turismo literalizado, dos quais talvez o mais famoso seja Bahia de todos os santos, de Jorge Amado [...]. A continuidade histórica deste gênero revela tanto o procedimento deliberado de reiteração ideológica desta matriz interpretativa — a baianidade — como sua inclusão em um campo articulado — e 'taken-for-granted' — de práticas e significados que garantem as condições de sua legibilidade e reprodução.

É um modelo de narrativa de viagem que torna o desconhecido atraente, hipnotizando o leitor e despertando nele o desejo de conhecer e experimentar novas referências culturais e de testemunhar esses lugares e suas ambientações. A descrição da cidade em seus detalhes e a poética contida nesses escritos, podemos sugerir, assemelha o guia de Amado uma literatura de viagem,¹³ que, segundo a teoria de Fernando Cristóvão (2002 *apud* Ramano, 2013), umas das

¹² Contribuição para esse tema em: CARVALHO, A. F. M. Baianidade, política e a consolidação do turismo na Bahia nas décadas de 1950 a 1970. **XXVII simpósio nacional de história**, 2013, Natal. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363226755_ARQUIVO_ArtigoAnselmoAnpuh2013.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

¹³ “Por Literatura de Viagens entendemos o subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de caráter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocamento, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem, pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização

categorias são as viagens imaginárias, não se tratando obrigatoriamente de distinguir o real do imaginário, mas pela relevância da narrativa, como as que foram produzidas pelos viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil desde a invasão, com relatos que contribuíram para construir uma ideia de país.

Utilizando-se da sua experiência na cidade sobre a qual narra, assim Amado descreve o seu povo:

Eis uma cidade onde se conversa muito. Onde o tempo ainda não adquiriu a velocidade alucinante das cidades do Sul. Ninguém sabe conversar como o baiano. Uma prosa calma, de frases redondas, de longas pausas esclarecedoras, de gestos comedidos e precisos, de sorrisos mansos e de gargalhadas largas. [...] (AMADO, 1966 [1945], n.p.).

Amado, através da sua literatura no guia e das imagens dos ilustradores nele contidas, cocriou um imaginário sobre seu povo e sua cultura estimulando o turismo local. O escritor, salientou o fato de Salvador ainda conservar parte do seu patrimônio colonial edificado e a sua cultura popular — diferente do que estava ocorrendo nas grandes metrópoles —, chamariz para turistas curiosos conhecer um lugar tão atraente.

O guia de Amado sugere uma poética de viagem (SEIXO, 1997), pois contempla um pouco de tudo, mitos, lendas, utopias, realidades, transformando o desconhecido em conhecido, gerando expectativas, bem como enquadramentos sociais, culturais e históricos, como um guia pré-estabelecido, com itinerários e circuitos alternativos voltados para turistas dispostos a conhecer a cidade por inteiro, como quando ele se dirige a sua turista imaginária:

Escreverei dez nomes e cada qual é mais sugestivo e mais saboroso: Rua da Agonia, Ladeira da Água Brusca, Rua do Chega Negro, Rua da Forca, Travessa da Legalidade, Jogo do Lourenço, Largo das Sete Portas, Travessa do Bângala, Rua dos Marchantes, Rua Bugari... [...] Existe a Avenida dos Amores e a das Sete Facadas. O Beco do Sossego e a Rua Mata Maroto. A Baixa da Égua e a Fonte dos Frades. O Bom Gosto do Canela e a Rua da Água do Gasto. A Rua Alegria do Paraíso e a Travessa de Chico Diabo [...]. (AMADO, 1966, n.p.).

Por vezes, no guia, a narração é ficcional ao citar as ruas e possíveis enigmas escondidos na cidade do Salvador não aparentes aos olhos dos visitantes, mas também realista ao descrever as muitas características locais com as suas desigualdades:

[...] Não tenteis nunca explicar o mistério dessa cidade. É segredo que ninguém sabe, chega talvez do seu passado na sombra do forte velho sobre o mar, chega talvez do

militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã”. (CRISTÓVÃO *apud* RAMANO, 2013 p. 38).

seu povo misturado e alegre, talvez do mar onde reina Iansã, talvez da montanha coberta de verde e salpicada de casas. É certo que o sentireis. Ele rola sobre a Bahia, é como um óleo que vos envolverá desde o primeiro momento. Quando na noite solitária da cidade-baixa o ruído do baticum longínquo de um candomblé coincidir com o encontro de um casal de mulatos que se dirige ao amor no cais, então compreendereis que esta é uma cidade diferente, que nela existe algo que alvoroça o vosso coração. É uma cidade negra direi. Mas é também uma cidade portuguesa. Não a tenteis explicar. Basta que a ameis como ela o merece. Com um amor que não tente esconder suas chagas tão à vista. Que não tente negar a existência dos bandos de Capitães da Areia, roubando e assaltando porque têm fome. A Bahia não precisa de vossa benevolência. Precisa, sim, de vossa compreensão e do apoio para que amanhã seu mistério não se suje de miséria, para que sua beleza não esteja manchada de fome. (AMADO, 1966, n.p.).

A publicação segue dessa forma, conduzindo o leitor a conhecer o patrimônio e seus aspectos culturais e identitários, mitos e religiões e a história da cidade. Ao escrever sobre a cidade da Bahia, Amado (1945) foi performático em sua narração, não apenas fazendo o convite, mas sendo ele próprio o *Cicerone*,¹⁴ aquele que a conduzirá por lugares nunca antes sugeridos em um guia turístico local:

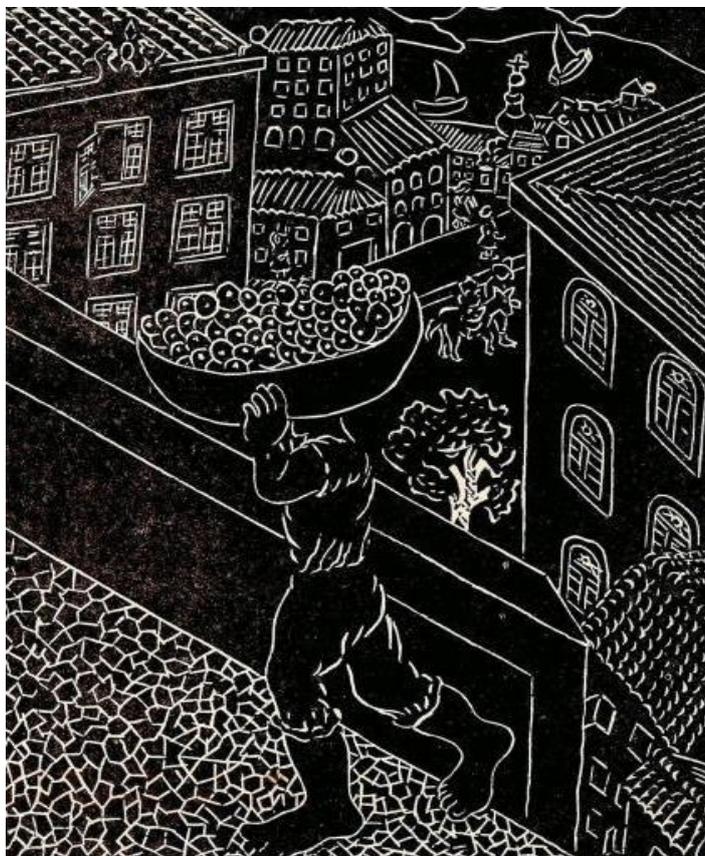
Vem e serei teu cicerone. Juntos comeremos no Mercado sobre o mar o vatapá apimentado e a doce cocada de rapadura. Serei teu cicerone. Mas, não te levarei, apenas, aos bairros ricos, de casas modernas e confortáveis, à Barra, Graça, Vitória, Nazaré. Iremos nos piores bondes do mundo para a Estrada da Liberdade, onde descobrirás a miséria oriental se repetindo naqueles casebres do Japão e da China, te levarei aos cortiços infames. [...] Moça, a Bahia te espera e eu serei teu guia pelas ruas e pelos seus mistérios. Teus olhos se encharcarão de pitoresco, teus ouvidos ouvirão histórias que só os baianos sabem contar, teus pés pisarão sobre os mármore das igrejas, tuas mãos tocarão o ouro de São Francisco, teu coração pulsará mais rápido ao bater dos atabaques. Mas, moça, estremeceiras também muitas vezes e teu coração se apertará de angústia ante a procissão fúnebre dos tuberculosos na cidade de melhor clima e de maior percentagem de tísicos do Brasil. A beleza habita nesta cidade misteriosa, moça, mas ela tem uma companheira inseparável que é a fome. (AMADO, 1945, p. 16).

Ele apresenta a Bahia com gentes de muitas cores, muitas crenças e muitos hábitos. Os atores são pescadores, quituteiras, trabalhadores, ambulantes (Figura 4), intelectuais, políticos e elitistas. Também elege ângulos do que vê e vive como o patrimônio, suas ruínas, a história, sua fundação, a cultura, a religiosidade, as festas populares, a tradição, as artes, a identidade, a culinária e o turismo, mistura ficção e realidade, fabricando uma representação com o intuito de se tornar um consenso e até que se concretize (GOLDSTEIN, 2002), levando o leitor a ver as coisas dentro de uma aura de encantamento; não obstante, demonstra as dificuldades, a pobreza e a miséria que assola aos menos favorecidos:

¹⁴ “Cicerone é um termo antigo para definir um guia, alguém que dirige visitantes por monumentos, museus, galerias e locais de interesse patrimonial, explicando-lhes factos arqueológicos, históricos, culturais e artísticos. A palavra provém da eloquência e o tipo de ensino praticados por Marco Túlio Cícero (Político, Orador e Filósofo romano 106-43 a.C.). Cicerone é usado em várias línguas com a mesma grafia”. (MARQUES, 2012, p. 4).

Esse é bem um estranho guia, moça. Com ele não verás apenas a casca amarela e linda da laranja. Verás igualmente os gomos podres que repugnam ao paladar. Porque assim é a Bahia, mistura de beleza e sofrimento, de fartura e fome, de risos álacres e lágrimas doloridas. (AMADO, 1945, p. 17).

Figura 4 - Vendedor de frutas subindo ladeira em meio aos sobrados.



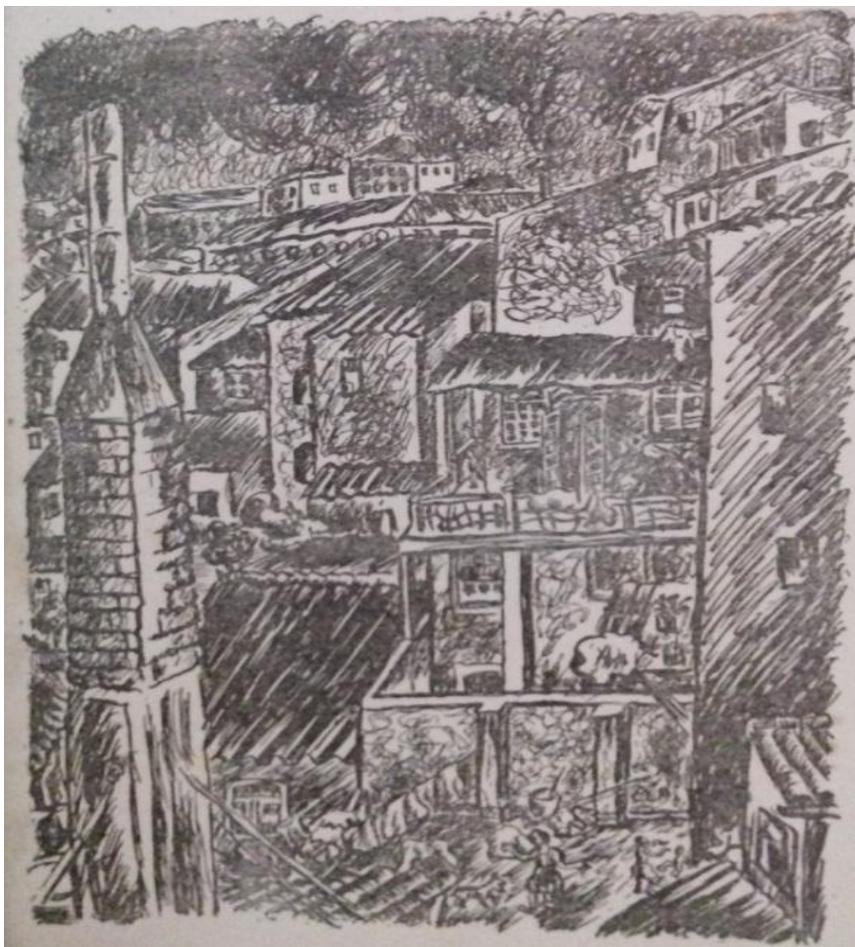
Fonte: (AMADO, 1945, p. 205).

Dessa vez, de forma mais realista, o autor abre a porta da pobreza da cidade no guia. De fato, há um certo estranhamento, mas Amado quando aborda a pobreza e as altas taxas de mortalidade da população mais pobre da cidade por causa de doenças, parece demonstrar que há sobreviventes em meio a tantas adversidades, como quem diz vale a pena vir conhecer uma cidade que seu povo, apesar de tantas mazelas, resiste, padece e que acabam por despertar a sua rica cultura. Isso o faz também por questões mais profundas, até mesmo políticas, que serão tratadas no próximo capítulo.

De cenário paradisíaco, Amado descortina o Pelourinho, bairro secular, que ao cair da noite revela o proletariado. São os que chegam da labuta e os que continuam na labuta (Figura 4), são também os bêbados, os boêmios, as prostitutas, que se amontoam em cortiços mal cheirosos, com dezenas de outras pessoas adoecidas e carentes, em meio a sujeira e ao total

descaso do poder público. Eles também estão presentes em outros tantos bairros periféricos (Figura 5).

Figura 5 - Casebres da Estrada da Liberdade.



Fonte: (AMADO, 1945, p. 81).

No processo de abandono e esquecimento do Pelourinho, Amado demonstra preocupação, pois enxerga potencialidades patrimoniais, culturais e de turismo.

Os sobradões te esperam. Os azulejos chegaram de Portugal e desbotam hoje ainda mais belos. Lá dentro a miséria murmura pelas escadas onde os ratos correm, pelos quartos imundos. As pedras com que os escravos calçaram as ruas, quando o sol as ilumina ao meio-dia, têm laivos de sangue. Sangue escravo que correu sobre elas nos dias de ontem. Nos casarões moravam os senhores de engenho. Agora são os cortiços mais abjetos do mundo. (AMADO, 1945, p. 16).

Ao elencar tais assuntos, mesmo em um guia, o autor reitera, como em outras obras, as questões sociais de seu tempo, reconhecendo sempre, ao escrever sobre elas, o abismo social e

as enormes desigualdades existentes em seu Estado, em tom de denúncia extraliterário. Amado também descreve onde vivem os pequenos burgueses e os grandes burgueses, sendo esses últimos os que ocupam os bairros da parte alta da cidade, uma gente segundo ele decadente e de gosto duvidoso, que hoje habitam para além do bairro do Campo Grande, pois já não é de bom tom para essas famílias mais abastadas morar no centro da cidade, nesta área residem os pequenos burgueses.

Já não é com orgulho que os elegantes dizem residir na Avenida Sete, no Rosário ou nas Mercês, nomes que sugeriam antes grã-finismo ou dinheiro. Hoje as famílias pequeno-burguesas, moças funcionárias, rapazes estudantes, apertam-se nos quartos de pensão nesses trechos da Avenida, pois casa está muito difícil, os aluguéis elevados. Os granfas foram para adiante do Campo Grande. A Vitória — o Corredor e a Ladeira — Graça, Barra, certos trechos de Barra-Avenida, Avenida Oceânica, eis onde estão os homens de dinheiro. O mar da Bahia é sua paisagem. (AMADO, 1966 [1945], n.p).

Com isso, o autor enfatiza que existem realidades urbanas que destoam na cidade, uma acessível, abastada, bela e “própria” para o turismo e a outra pobre, miserável, quase invisível.

Um resto da população rica vive em certos trechos da Barra-Avenida, limitando com miseráveis choupanas de operários. Ali a riqueza e a miséria se encontram fronteiriças. O pintor paulista Manuel Martins, ao ver esse contraste na Barra-Avenida, disse não saber de nenhuma cidade onde fosse tão chocante e brutal a diferença entre a riqueza e a pobreza. Esse contraste não está apenas na Barra-Avenida. Está em todas as partes da cidade da Bahia. (AMADO, 1945, p. 70-71).

Milton Santos (1959) esclarece que as famílias ricas que moravam nesses antigos sobrados e palacetes precisaram se mudar, pois não havia mais como manter tantos empregados, e precisavam adaptar-se aos novos padrões de se viver bem. Essas famílias se estabeleceram em novos endereços na Graça, Barra e Vitória, iniciando assim o processo de degradação do casario colonial da Cidade Alta, entre a década de 1930 até a década de 1940. Os casarões passaram a abrigar numerosas e diferentes famílias, casas comerciais ou pontos de prostituição. Os donos, então, deixaram de dar manutenção, pois a rentabilidade era mínima, tampouco os inquilinos teriam condições, provocando assim a rápida degradação do casario, especialmente entre o Terreiro de Jesus e o Pelourinho. Um outro fator que contribuiu para a aceleração da degradação, segundo Juarez Bonfim (2010), foi a política higienista da época e a repressão da polícia de costumes, que pretendeu estabelecer no Maciel, largo no Pelourinho, uma zona para as práticas de meretrício, selando o estigma social local.

O guia de Amado passa por várias esferas, entre elas quando tenta equilibrar esses opostos ao falar sobre as características da população predominante negra da cidade,

Sendo a cidade negra por excelência do Brasil, com uma grande população de cor, é aquela onde menos existe, em nosso país, o preconceito racial. O que não quer dizer que ele seja inteiramente inexistente. A mistura de sangue é muito grande e em sua consciência pouca gente poderá negar o avô negro mais ou menos remoto. A influência do negro sente-se em toda a parte. Não apenas no aspecto físico da cidade, mas na sua vida. (AMADO, 1966, n.p.).

Isto ratifica a ideia de uma democracia racial,¹⁵ conhecido conceito batizado por Gilberto Freyre — de que a identificação social baseada em raça não passara a definir as oportunidades de vida das pessoas, quer em termos econômicos, quer em termos de honra social, quer em termos de poder, posteriormente ao sistema de escravidão (GUIMARAES, 1999) — quando diz que a Bahia é um dos lugares onde menos existe preconceito racial. Tal mito veio a permear toda a obra de Amado, sendo ele seu grande divulgador (SCHWARCZ, 1993).

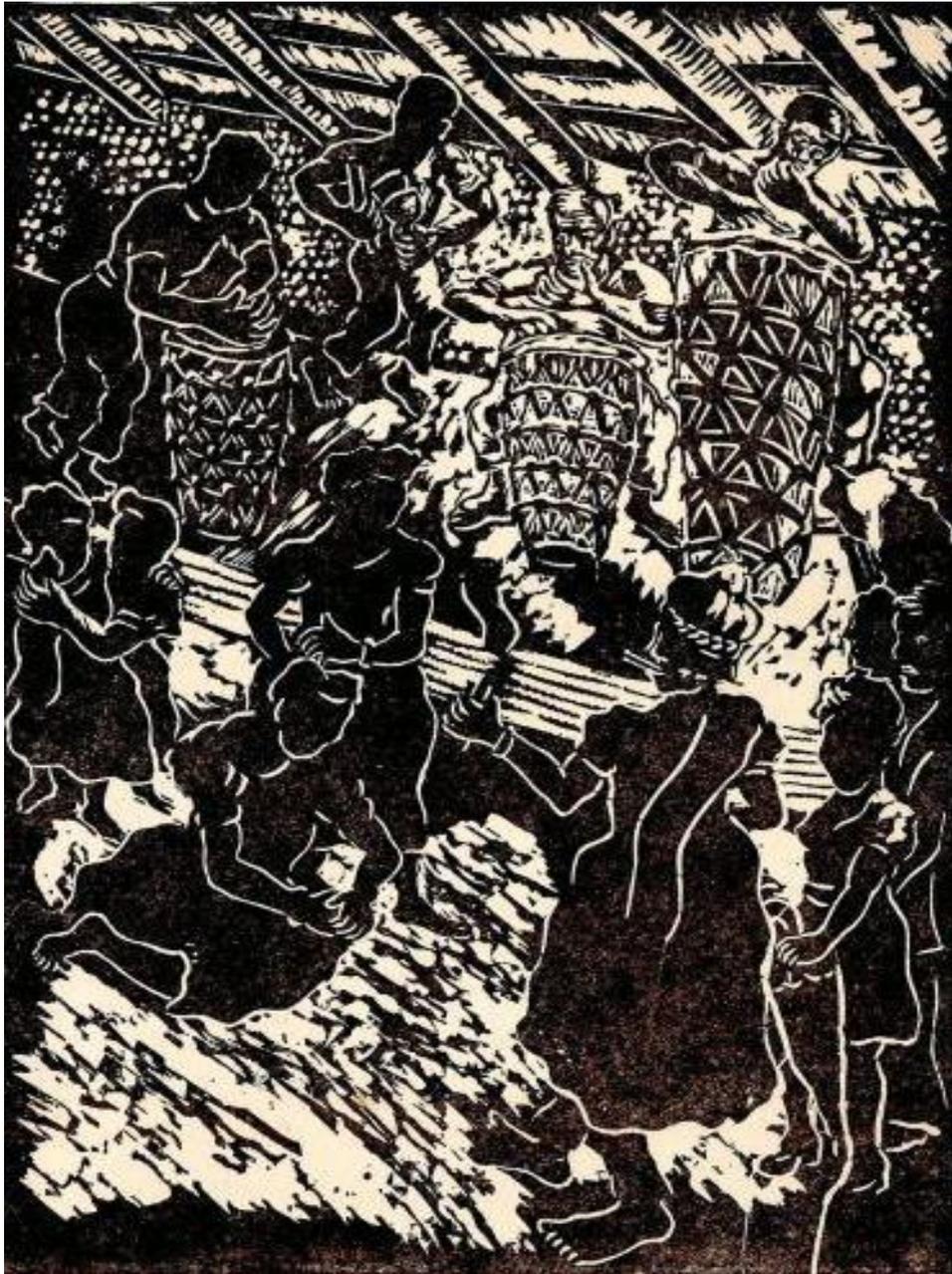
Amado não nega que a discriminação exista, até porque o próprio teria exercido uma visão discriminatória da miscigenação étnico-racial em sua primeira obra, *O País do Carnaval* (1931), da qual já havia se justificado (AMADO *apud* RAILLARD, 1992), demonstrando uma maturação na construção de seu trabalho. A mestiçagem e o orgulho da identidade negra, seu valor e riqueza cultural foram temas presentes no guia, como em sua obra, inclusive como a forma de se compreender a Bahia, de representá-la, preservando suas características particulares e delimitando um espaço particular e especial para o Estado, dentro do imaginário identitário brasileiro, com suas contradições, tradições e vivências populares, ligadas aos grupos historicamente marginalizados. Tatiane Almeida Ferreira (2018, p. 314), em sua tese, percebe que

A imagem da cidade do Salvador nos parece que sempre foi uma preocupação para Amado desenhando-a, primeiramente, nos romances. No guia de 45, ele nos apresenta a Bahia que estava em ruínas em sua parte fundacional e histórica e que contava com personagens populares negros e mestiços que a singularizavam, demonstrando a influência negra da cidade que se queria ocidental, cristã, de uma elite patrimonialista que invisibilizava e não reconhecia os símbolos culturais negros como parte daquela sociedade, posteriormente apropriados e estereotipados: capoeira, samba e candomblé.

¹⁵ “No Brasil, logo no início do século XX, a construção da nacionalidade foi positivamente afetada pelo descrédito do conceito de raça, o qual representou, sempre, um enorme estorvo para os construtores da nação, dada a incongruência entre a importância dos mulatos e mestiços na vida social e os malefícios que as teorias racialistas atribuíam à hibridização. Com a aparição de Casa-grande & senzala, em 1933, iniciou-se uma grande mudança no modo como a ciência e o pensamento social e político brasileiros encaravam os povos africanos e seus descendentes, híbridos ou não. Gilberto Freyre, ao introduzir o conceito antropológico de cultura nos círculos eruditos nacionais e ao apreciar de modo profundamente positivo a contribuição dos povos africanos à civilização brasileira, foi um marco do deslocamento e do desprestígio que sofreram, daí em diante, o antigo discurso racialista de Nina Rodrigues e, sobretudo, a continuada influência que a escola de medicina legal italiana ainda exercia nos meios médicos e jurídicos nacionais”. (GUIMARAES, 1999, p. 148).

Seja como for, não há como negar que Amado exaltou a beleza negra e os valores dos negros e mestiços, não escondendo o seu arrebatamento pelo candomblé (Figuras 6 e 7), ainda que isso lhe rendesse muitas críticas e oposições. O autor esteve sempre atento em denunciar opressões sofridas pela gente da sua cidade.

Figura 6 - Cerimônia do Candomblé por Manuel Martins.



Fonte: (AMADO, 1945, n.p.).

Figura 7 - Cerimônia do Candomblé por Carlos Bastos.



Fonte: (AMADO, 1977, n.p.).

2.2 A PROMOÇÃO DA CIDADE ATRAVÉS DA PALAVRA E DA IMAGEM, REALIDADE E FICÇÃO

Ao construir a imagem da Bahia, fez do guia, como em sua obra, cenário de um refletir da identidade cultural baiana, na qual tentou unir as antigas representações como a tradição mais voltada para os valores culturais da população afro-baiana. A identidade cultural baiana também é o resultado de uma série de mudanças e ambientações aos novos tempos.

A Bahia foi sede da primeira capital e foi palco do “Descobrimento”, o centro econômico, cultural e intelectual (ENCARNAÇÃO, 2010). Durante muito tempo, ainda segundo a autora, a representação da elite baiana expressava todo o Estado, escondendo a tensão de uma população predominantemente negra ou mestiça e as contínuas crises econômicas e a perda do posto de capital estremeceram o poder das elites baianas e o seu poder de representação perante outros estados federativos (ENCARNAÇÃO, 2010).

Para Paulo Santos Silva (2000), a perda de espaços políticos no cenário nacional ao longo das primeiras décadas republicanas e que se intensificou com a chamada revolução de 1930, fez surgir o movimento autonomista reivindicando um espaço para a Bahia, em contraposição ao governo federal, marcado por forte centralização. Na Bahia, o autonomismo representou em grande medida uma referência a determinados elementos da “baianidade”, aparecendo em seus discursos a recorrência da própria expressão. A “baianidade” autonomista atendeu aos interesses políticos e se reportava para a defesa de uma Bahia tradicional, dos valores do seu passado,¹⁶ e dos seus filhos ilustres, desamparados que estavam com a nova situação política¹⁷ do Estado.

Diferente do que acontecia na Bahia, o Governo Federal fazia investimentos em outros Estados e em diversos setores, como no turismo, que no Brasil iniciou-se de maneira privada¹⁸ e elitista. As empresas eram compostas e fomentadas por grandes empresários e políticos poderosos. Tinha por finalidade criar relações econômicas, culturais e políticas com outros países além de representar *status* e requinte para quem delas participassem. Mais precisamente entre as décadas de 1930 e 1940, o Touring Club e o Automóvel Club, agora apoiadas pelo então governo, difundiram¹⁹ o turismo no país, estando à frente de toda a organização turística, desenvolvimento automobilístico e cruzeiros interestaduais ligados ao turismo, voltado para as elites de alto poder aquisitivo, dentro e fora do país, alinhados com as ideias de centralização política e de coesão nacional do governo Vargas (KELSCH, 2018).

A Bahia, entretanto, foi sendo inserida no quesito turismo, de maneira muito devagar. Goli Guerreiro (2005) relata que a criação pela Prefeitura Municipal de Salvador da Secção de Turismo no Arquivo Público de Salvador, nos anos 1930, marca o início da atividade turística

¹⁶ “[...] muita gente continua na saudade dos tempos de D. Pedro II e dos escravos, das aias negras para catar café e para levar cocorotes.” (AMADO, 1966, [1945], n.p.).

¹⁷ “A elite baiana foi contrária ao movimento que levou Vargas ao poder e, ao mesmo tempo, a Revolução de 1930 não trazia uma política industrial clara e sistematizada, ficando a Bahia fora de foco. Concomitantemente, a classe dominante não tinha recursos suficientes para investimento, e passava por um período de completo desprestígio político, sofrendo retração do Governo Federal, num panorama, segundo o autor, desolador”. (RISÉRIO, 2004).

¹⁸ “É possível rastrear, desde os anos 1900, o surgimento de instituições dessa natureza que tinham como missão principal, ou uma das missões, fomentarem a atividade turística no país: o Automóvel Club do Brasil que surgiu em 1907, o Centro Excursionista Brasileiro (CEB), de 1919, o Rotary Club do Brasil, que nasceu em decorrência da exposição do Centenário da Independência, no natal de 1922, e o Touring Club do Brasil (TCB), que foi criado em 1923. Essas instituições pioneiras tomaram para si - mais destacadamente o Touring Club e o Automóvel Club - com apoio do Estado brasileiro, a responsabilidade pela organização, difusão e fomento do turismo nacional”. (KELSCH, 2018, p. 49).

¹⁹ “O TCB utilizava amplamente os meios de comunicação para divulgar suas ações em prol do turismo no país e também sobre esta atividade em geral. No início dos anos 1930 já possuía uma revista especializada (Touring), tinha um boletim semanal na revista O Cruzeiro e produziam, para serem distribuídos nos seus bureaux espalhados pelos portos do país, folhetos, informativos, livros-guia, e toda sorte de escritos de apoio ao turista”. (KELSCH, 2018, p. 53).

em âmbito governamental.²⁰ No privado, o Touring Club do Brasil (TCB) instala uma filial na Bahia em 1934 e em pouco tempo passa a produzir livros-guia sobre Salvador e distribuí-los dentro e fora do país, como cidade de veraneio, devido ao seu clima ameno durante o verão, seus costumes regionais, festas tradicionais, obras de arte, panoramas (KELSH, 2018).

No entanto, as estratégias para turismo em Salvador continuavam escassas por sofrer resistência dentro do governo Vargas²¹ e, apesar da relação pouco amistosa com os representantes do governo federal, as elites locais, através do TCB baiano, pressionaram os poderes públicos por ações que dessem início ao fomento do turismo em Salvador (KELSCH, 2018). A promoção da cidade ganhou contornos diferentes do que comumente estava sendo feito no resto do país, pois a elite local²² e também a elite que coordenava o Touring baiano evocava os valores de uma antiga cultura social local, ímpar, muito particular da cidade.

Tais elites propagam como atrativos turísticos que “seus costumes são os originais”, seu Estado é berço de grandes estadistas, sua terra possui grandes riquezas culturais, com folclores e mistérios, com religiosidade e um caldeirão étnico onde se “celebrava” uma miscigenação pretensamente “pacífica e harmônica”. As suas produções de livros-guia contemplavam patrimônios selecionados para serem visitados e roteiros turísticos que seguiam pelas rotas criadas pelas reformas realizadas no início do século XX (KELSCH, 2018).

No guia amadiano, a promoção da cidade ganha contornos completamente díspares. Ao eleger roteiros desconhecidos, com belezas e adversidades e a exaltar a cultura do povo, lança uma crítica aos roteiros tradicionalistas e aos saudosistas de uma Bahia oligarca. É demonstrando a realidade da Cidade da Bahia, que Amado (1945, p. 15-16) narra:

E quando a viola gemer nas mãos do seresteiro na rua trepidante da cidade mais agitada, não tenhas, moça, um minuto de indecisão. Atende ao chamado e vem. A Bahia te espera para sua festa quotidiana. Teus olhos se encharcarão de pitoresco, mas se entristecerão também ante a miséria que sobra nestas ruas coloniais onde começam a subir, magros e feios, os arranha-céus modernos. [...] Ouves? É o chamado insistente

²⁰ “Percebendo essa tendência, o poder público se apropriou do discurso da baianidade, construído pela literatura local, e o explorou como mecanismo de venda do território baiano na institucionalização da atividade desde a década de 1930, pelo governo municipal de Salvador, e da década de 1950, pelo governo estadual de Régis Pacheco (1951-1955)” (FERREIRA. DANTAS, 2013, p. 116).

²¹ “Até fins dos anos 1940 o turismo de Salvador ainda não havia sido contemplado com qualquer tentativa de planejamento; [...] Apenas entre 1880 e 1930 Salvador atravessa três surtos de intervenções pontuais, influenciados pela ideia de “salubridade, fluidez e estética”, que objetivam transformá-la em uma ‘cidade mundial, civilizada’. Já nos dois períodos do governo Vargas (1930-1945 e 1951-54), sob a influência das ideias vigentes nos países centrais desde o final do século XIX, foi instituído e atuou na capital o Escritório de Planejamento Urbano da Cidade de Salvador (Epucs), que se propôs a corrigir os defeitos da cidade; porém, devido à falta de recursos do governo municipal no enfrentamento de problemas complexos, não conseguiu levar a cabo as transformações urbanas propostas e limitou-se, basicamente, a tratar da malha viária”. (QUEIROZ, 2005, p. 150).

²² “Podemos citar alguns desses nobres senhores e suas elegias à velha Bahia oligarca: Pedro Calmon, Wanderley de Araújo Pinho, Luiz Viana Filho, Afrânio Peixoto”. (KELSCH, 2018, p. 217-218).

dos atabaques na noite misteriosa. Se vieres eles tocarão mais alto ainda, no poderoso toque do 'chamado do santo' e os deuses negros chegarão das florestas d'África para dançar em tua honra. Com teus vestidos mais belos, bailando os mais doidos bailados. E as yawôs cantarão em nagô os cânticos de saudação. [...] Os saveiros abrirão as velas e rumarão para o mar largo de tempestades. Do forte velho virá música antiga, valsa esquecida que só ex-soldado recorda. Os ventos de Iemanjá serão apenas uma doce brisa na noite estrelada. O rio Paraguaçu murmurará teu nome e os sinos das igrejas de repente tocarão Ave-Maria apesar de que o crepúsculo já passou com sua desesperada tristeza. Na Feira de Água de Meninos, nos pobres pratos de flandres o sarapatel te espera, escuro e gostoso. Os potes e as moringas de barro que comprarás, as redes para a sesta, os inhames e aipins, as frutas coloridas. Se vieres, a feira terá outra animação, beberemos cachaça com ervas aromáticas.

A imagem da cidade de Salvador tem realce em seus contornos geográficos ao ser narrada por Amado, em *Bahia de Todos os Santos* e na sua obra, antes mesmo que a atividade turística fosse estabelecida, institucionalmente, por aqui. Para ilustrar a cidade no guia de Amado, foi chamado Manuel Martins, que ratificou a narrativa do livro, da forma como o autor idealizou a imagem da capital baiana, enaltecendo as suas belezas naturais e balneárias, seu importante acervo histórico, seus costumes e crenças, sua cultura, a miscigenação e influência africana. Tais representações ajudaram na formação de uma imagem turística para a Bahia, promovendo a cidade, criando um diálogo entre a palavra e a imagem, fortalecendo o discurso estratégico, ideológico e particular sobre a Bahia, tão presente em toda a obra de Amado.

Manuel Martins,²³ o artista plástico, estampou o guia, retratando o contexto da população à margem, e não menos, a sua cultura, o seu patrimônio, as ruas e os mistérios da cidade, voltando a sua maior atenção para o centro antigo da cidade, simbolicamente o Pelourinho, narrado em diversos momentos por Amado como o centro da vida popular da cidade, monumento/documento enquanto bairro secular, lugar de uma ideia²⁴ de Bahia, popular e mestiça. Segundo Joachim Michael Krones (2007), não por acaso o turismo se desenvolveu em paralelo à mídia fotografia, pode ser entendido como uma apropriação de paisagens, pessoas e culturas do outro através de um consumo ritualizado de símbolos.

²³ “Pintando de forma poética, o estreito limite entre fantasia e realidade faz com que sua obra não seja um simples retrato urbano, mas sim a interpretação do artista sobre o ambiente desumanizador que se expande a sua volta. Martins é tido como pintor social. Afeito às temáticas do trabalhador -a vida proletária e os momentos de lazer -, se destaca pelo olhar distante, mas perspicaz. Seus registros do centro velho e do subúrbio, que costumava a freqüentar aos domingos, atentam para o homem anônimo, pequeno diante das construções e dos componentes da paisagem urbana. Da mesma forma como ilustra grandes romances da literatura brasileira, como "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo, e "Bahia de todos os Santos", de Jorge Amado [...]”. (PECCINI, Daisy; AGUIAR, Camila Amaral de. Grupo do Santa Helena: Manoel Martins). Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernidade/eixo/stahelena/martins.htm>. Acesso em: 28 abr. 2023.

²⁴ “[...]a importância de uma marca simbólica forte é facilmente interpretada como uma estratégia de mercado. A ‘cultura baiana’ — Ideia de Bahia sintetizada em slogans e imagens de mídia — vende muito bem. Tradições ricas e sincréticas, história colonial, culinária exótica e uma maratona de eventos culturais produzem a imagem da cidade de Salvador como um pólo de atração para turistas em busca de experiências ‘diferentes’”. (PINHO, 1998, p. 7).

2.3 DENSIDADE HISTÓRICA, QUESTÕES PATRIMONIAIS, CULTURAIS E DE TURISMO

Todos os guias turísticos lançados no mesmo período, indicam que a pauta turística era uma preocupação política da época por aqui, assim como a preservação de monumentos históricos e o plano de urbanismo para a cidade, esse último o principal interesse.

José Valladares traz, em seu *Bêabá da Bahia Guia Turístico* (2012 [1951]), uma fala crítica sobre os problemas que o turismo poderia desenvolver num futuro próximo, alertando para os perigos que poderiam comprometer a conservação e a preservação da cidade. Temia pela descaracterização, que já vinha sendo alvo de destruidores da sua paisagem natural e arquitetônica desde o início do século XX, até mesmo antes. No guia, apresenta de forma sensível o patrimônio cultural e arquitetônico de Salvador, fruto de sua ligação íntima com as artes. Nas suas publicações nas décadas de 1940 e 1950, levanta questões preservacionistas para com o patrimônio artístico e cultural. Suely Ceravolo (2011) esclarece que o guia turístico Beabá da Bahia foi publicado num período em que o estado investia na modernização da Bahia, e o turismo já surgia como força impulsionadora.

Durante a Era Vargas,²⁵ o turismo em Salvador e em todo o Brasil, perpassa por interesses econômicos desse governo, e é também estratégia para fortalecer a ideologia de um Estado Novo, utilizando-se inclusive da literatura²⁶ para divulgar o país no exterior, com convites oficiais para que artistas estrangeiros viessem participar de festas, como a inauguração do Cristo Redentor e o Carnaval, no Rio de Janeiro, focando no embelezamento de certas áreas da cidade em detrimento de outras (SANTOS FILHO, 2007). Com Salvador não foi diferente, como destaca Queiroz (2005, p. 172):

²⁵ “Tanto Freyre, quanto o regime de Vargas tinham interesse na consolidação de uma identidade nacional. O novo regime impôs um novo entendimento das funções das regiões na construção dessa identidade nacional e o novo regionalismo emulado por Freyre serviu de molde. Um pacto foi selado. A visão de Freyre, de conciliação entre passado tradicional e modernidade, de fato foi o que serviu de base conceitual para a atuação de toda a intelectualidade que trabalhava no regime, [...] serviu muito bem para o Governo Vargas, pois minimizou o choque da modernização e da industrialização nas cidades”. (KELSH, 2018, p. 15).

²⁶ “Trata-se do período em que Getúlio Dornelles Vargas governou o Brasil ininterruptamente por quinze anos, de 24 de outubro de 1930 a 29 de outubro de 1945. Esse período pode ser dividido em Governo Provisório, Governo Constitucional e Estado Novo. O Governo Provisório (1930 a 1934) corresponde ao período em que Vargas governou por decreto, como chefe do governo instaurado após a Revolução de 1930, movimento armado que depôs o Presidente Washington Luís, o último presidente da denominada ‘República Velha’. Vargas manteve-se no poder através de eleição indireta pelo Congresso Nacional logo após a promulgação da nova Constituição, em julho de 1934. Esse período ficou conhecido como Governo Constitucional (1934 a 1937). Finalmente, em novembro de 1937, Vargas instituiu o Estado Novo através de um golpe de Estado, fechando o Congresso Nacional, promulgando uma nova constituição e instaurando uma ditadura que durou até 1945”. (KELSH, 2018, p. 24).

A ‘riqueza’ de Salvador está concentrada em suas bordas, em áreas específicas, situadas próximas à orla marítima ou no seu entorno. A ‘pobreza’ espalha-se pelos demais espaços. Concentrando-se, mais acentuadamente, no miolo da cidade. Reforçando o grave quadro de concentração econômica existente na capital baiana, o turismo tendeu a acompanhar o movimento da renda, ocupando as áreas mais qualificadas da cidade, contribuindo, não para o alcance do desenvolvimento local, mas sim, para fomentar essa qualificação e para tornar ainda mais agudo o quadro de desequilíbrios sócio-espaciais vigente.

A cidade vinha passando por intervenções urbanas desde a década de 1910, na gestão de José Joaquim Seabra, político, jurista e governador por duas vezes, e que fazia parte da elite política da Bahia e um dos líderes do Movimento Autonomista já mencionado nesse texto, o mesmo que promoveu a demolição da antiga Catedral da Sé, mencionada por Amado, no guia. Eloisa Pinheiro (2011) relata que as intervenções ocorreram primeiro na ampliação da Zona Portuária, seguido da implantação de comércio e serviços por toda a Avenida Sete de Setembro e na orla atlântica com a abertura da Avenida Oceânica. Entre as décadas de 1930 e 1940, J.J. Seabra realizou reformas no Centro da Cidade e promoveu a demolição de cerca de quatro quarteirões, independente do seu valor histórico, para implantação de transporte urbano, declarado por Amado como um dos piores serviços de transportes do mundo (AMADO, 1945, p. 263), incluindo a derrubada da Igreja da Sé, em 1933.

A Igreja da Sé era um dos orgulhos da cidade. Talvez o maior. Um historiador acadêmico disse, certa vez, que naquele templo até o bolor era histórico. Frase pernóstica, porém, verdadeira. De quando em vez rolava uma pedra enorme sobre um dos bondes que faziam a curva ao lado da igreja e algumas pessoas morriam ou iam para a Assistência. Era o que a Circular queria. A Circular desejava derrubar a Igreja da Sé. Ali, onde se erguia a sede da Companhia, não era possível existir a igreja tão baiana. A Circular, apoiada em políticos poderosos, oferecia dinheiro ao Arcebispo pelo velho templo. [...] Um dia o velho Arcebispo morreu e veio um novo. [...] Um Arcebispo que logo achou o Palácio Episcopal, baixo e pintado cor de barro, moradia indigna de Sua Reverendíssima e de seus versos parnasianos. [...] E a Circular ganhou a questão. [...] O Arcebispo foi morar no Campo Grande, em palácio novo. Dizem as más línguas que dado pela Circular. [...] Houve compensações monetárias para o Arcebispo. Luz de graça para o Seminário ou coisa parecida. O povo perdeu seu monumento histórico e não ganhou nada [...].

A Companhia Linha Circular de Carris da Bahia (CLCC), empresa favorecida pelas reformas de J.J. Seabra, monopolizava os serviços de luz, telefone, elevadores, planos inclinados e bondes. A empresa pertencia ao Grupo Guinle,²⁷ e estava operando serviços de transporte na capital desde o início do século XX. Na Era Vargas, a Cia. Circular deteve os

²⁷ Família milionária, responsável pela fundação da Companhia das Docas de Santos, a mesma que construiu o Copacabana Palace, “maior ícone da hotelaria brasileira”, com incentivos do governo federal, que designou a construção do empreendimento para abrigar turistas que viessem para a Exposição do Centenário da Independência de 1922, sendo inaugurado, no entanto em 1923 (GUIMARÃES, 2012, p. 196-197). No mesmo ano criaram o Touring Club do Brasil (TCB) e o Automóvel Club, instituições pioneiras na prática, organização, difusão e fomento do turismo no Brasil, expandindo seções para os estados (KELSH, 2018, p. 68).

direitos sobre o principal transporte público da cidade e concessões para explorar os demais serviços citados (KELSH, 2018 *apud* TRINCHÃO, 1999). No entanto, a população insatisfeita, principalmente com o transporte que era caro e oferecido em equipamentos sucateados e sem higiene (AMADO, 1966 [1945]), insurgiu durante a madrugada e incendiou dezenas de bondes, episódio conhecido como Quebra Bondes (Figura 8) que aconteceu num momento sensível da Revolução de 30 (NEGRO; BRITO, 2020).

Figura 8 - A praça Tomé de Sousa no dia seguinte ao Quebra Bondes.



Fonte: Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2021/01/28/explosivo-quebra-bondes-contra-empresas-dos-estados-unidos-radicalizou-a-revolucao-de-30-em-salvador/>. Acesso em: 4 jul. 2023.

A atividade demolidora só foi refreada, pois já havia um entendimento desde a década de 1920 acerca da valorização do antigo patrimônio edificado da cidade, potencializador para o turismo (KELSH, 2018 *apud* SAMPAIO, 1928) e que se solidifica com a criação do SPHAN,²⁸ através da Lei nº 378 de 13 de janeiro de 1937 e organizado no Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 é o atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que cria políticas de preservação do patrimônio histórico. Outros importantes movimentos preservacionistas também vinham acontecendo, como relata a autora a seguir:

²⁸ “[...] o escritório baiano do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), dirigido pelo poeta Godofredo Filho, iniciou em 1938, uma série de tombamentos de edificações exemplares da arquitetura da época colonial na cidade, em sua maioria concentradas em uma área que, no sentido Sudoeste-Nordeste do centro antigo, ia do Sodré até o Carmo e, no sentido Noroeste-Sudeste, da falha geológica em direção a Baixa dos Sapateiros, com respingos de edifícios tombados no Santo Antônio, Gravatá, Saúde, Pilar, Comércio, Cidade Baixa, entre outras áreas nas imediações do centro, o que ‘blindou’ boa parte dessa região central da antiga capital colonial de qualquer novo rompante demolidor e iconoclasta semelhante à reforma urbana que ocorrera na era Seabra (KELSCH, 2018, p. 188-189).

É notável a atuação de importantes membros da elite intelectual baiana como Theodoro Sampaio e Pirajá da Silva em defesa da velha cidade desde a época das reformas urbanas de Seabra. Nesse sentido, vale destacar a atuação de Wanderley de Araújo Pinho. Em 1917, ele propôs a constituição de uma comissão para proceder ao inventário do patrimônio estadual e em 1930, como deputado, apresentou um Projeto de Lei (nº230) em que propunha a organização da proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Este projeto, foi uma das fontes de Rodrigo Melo de Andrade para o Decreto-lei nº 25/37. (SANT'ANNA, 2014, p. 100-110).

O SPHAN nasce como instituição que visa a proteção e a valorização do patrimônio histórico colonial, política oficial do Estado Vargasista, freando a atividade demolidora por aqui, assim como o entendimento de que o equipamento colonial da cidade era interessante para a atividade turística, ainda que nesse momento patrimônio e turismo não se promovessem (KELSCH, 2018). Ceravolo, esclarece:

[...] No plano federal, 1937 foi o ano a partir do qual o Sphan, criado no ano anterior, passou a lutar em todo o território brasileiro pela preservação do conjunto dos bens móveis e imóveis de interesse público, vinculados a fatos memoráveis da história do país, seja pela excepcionalidade arqueológica ou etnográfica, seja pelo valor bibliográfico ou artístico, de acordo com a definição de patrimônio nacional do próprio Rodrigo M. F. de Andrade. O Sphan pretendia que a ideia de proteção fosse difundida de todas as maneiras possíveis, para incentivar o gosto pelos elementos que geravam admiração: o Brasil possuía 'joias de arte e monumentos'. (CERAVOLO, 2011, p. 213-214).

Sem dúvida, havia uma ânsia por parte da elite da cidade em transformar Salvador numa cidade turística e aprazível aos visitantes. Para isso seria necessário inúmeras reformas e melhorias de mobilidade e de estada, sempre copiando modelos estrangeiros de modernização, que não contemplavam preservação em muitos aspectos, enquadrando-a na lógica urbana da cidade capitalista moderna (no pacote das reformas de Seabra), ignorando a cidade com todos os estratos, categorias e características.

Luís Cláudio e Olívia Biasin (2009) mostram que a experiência turística em Salvador, iniciada ainda no século XIX, mudou desde então, acompanhando transformações urbanísticas e culturais da cidade e seus habitantes, ao mesmo tempo em que também imprimiu mudanças sócio espaciais na capital baiana. Os autores revelam que na Primeira República, a sociedade local, sob a influência europeia, ampliou seus espaços de sociabilidade, incorporando novos hábitos. No período, verificou-se um crescimento, ainda que tímido, de novos equipamentos de hospedagem e lazer. Assim, apesar das intervenções urbanas e culturais realizadas em Salvador no início do século XX, visando à modernização da cidade, diversas características arquitetônicas e práticas culturais dos tempos coloniais e do Império, a exemplo das festas

religiosas populares e das iguarias afro-baianas, continuaram presentes no cotidiano da cidade, tornando-se, posteriormente, atrativos turísticos.

O guia de Amado foi um chamariz para promover a cidade a captar a atividade turística que já estava sendo fomentada nas demais metrópoles do país, que caminhou a passos muito mais largos que Salvador, em especial no quesito modernização no eixo Sul e Sudeste, o que poupou a cidade de perder mais ainda patrimônios culturais e núcleos arquitetônicos coloniais, antes da criação do SPHAN.

No guia, Amado fala sobre a preservação do patrimônio artístico e cultural, como também dos seus bens simbólicos, cultos e ritos africanos, como nesse trecho do livro:

Nesses trinta e cinco anos de contato com as seitas afro-brasileiras, só as tenho visto crescer, estender-se sobre massas cada vez mais amplas. A minha pergunta não se refere a isso. Refere-se ao problema mesmo do sincretismo: manter-se-ão as casas 'puras', os candomblés que ainda hoje buscam conservar e preservar os ritos africanos originais, onde a língua religiosa oficial é o iurubá [...]. (AMADO, 1966, n.p.).

O guia de Amado promove a cidade de forma contrária ao que vinha sendo executado pelos órgãos governamentais e privados ligados ao turismo. Amado tratou de incluir a lista de todos os terreiros de candomblés da cidade, enquanto os livros-guia tradicionalmente listaram as igrejas católicas, como explica Kelsch (2018, p. 241-242):

O guia de Jorge Amado rompe com essa lógica de promoção turística da cidade na sua faceta elitista. Sabedor do pouco interesse que o turista tinha pela cidade 'moderna' da elite baiana (e que esta tanto fazia questão de promover), cita com desdém os bairros nobres, dando mais ênfase aos bairros pobres e proletários, aos arrabaldes paradisíacos e ao núcleo antigo da cidade. Nesse núcleo, diferentemente dos outros livros-guia, enfatizava os cortiços pobres e populosos e não as igrejas. Sua ênfase por fim, como já abordado é nos aspectos culturais da cidade, nas manifestações populares e de matrizes africanas, ao contrário dos livros-guia tradicionais que lidam com tradições e materialidades vinculadas à elite baiana.

A imagem turística da Bahia foi estruturada relacionando-a com a ideia de identidade calcada nos costumes da população afro. O enaltecimento da miscigenação racial e cultural ocupa o lugar da então convicta ideia de projeção nacional baseada na exclusão da população negra, que embarçava o sonho do progresso e da modernização. Tal empoderamento da cultura afro-baiana acontece paulatinamente ainda na década de 1930, provocando uma entrada de cientistas, pesquisadores, artistas, intelectuais — brasileiros e de outras nacionalidades — no território baiano, dividindo o mesmo espaço com representantes do Candomblé durante o IIº Congresso Afro-Brasileiro de 1937, em Salvador.

A Bahia, onde nasceu o escritor e cenário de muitos de seus romances, é então percebida como uma legítima representação da nação, onde a mistura das raças,

entendida como principal fator de originalidade da cultura brasileira, tem seu melhor exemplar. (CALIXTO, 2011, p. 9).

À época, a literatura de Amado já era conhecida. Entre o *País do Carnaval* (1931) até o guia *Bahia de Todos os Santos* (1945), o escritor já havia lançado *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936), *Capitães da areia* (1937), entre outros livros. A forma de pensar desde o primeiro romance, então com 18 anos, vai se modificando a partir novas influências e acontecimentos históricos, produzindo uma literatura na qual já desponta o cenário baiano, envolvente, sem reprimendas, com problemas enfrentados pela população pobre e negra da Cidade da Bahia.

3 PERCURSOS ATÉ O GUIA: REDES E CONTEXTO POLÍTICO-HISTÓRICO, ARTÍSTICO E CULTURAL

Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, no distrito de Ferradas, município de Itabuna, sul do Estado da Bahia. Filho do fazendeiro de cacau João Amado de Faria e de Eulália Leal Amado. Em 1927 passa a morar no Pelourinho e torna-se integrante da Academia dos Rebeldes, grupo formado por jovens com ideias avançadas, tendo como líder Pinheiro Viegas,²⁹ poeta e jornalista. Junto com alguns deles Amado já havia lançado breves jornais literários, em oposição a ideias autonomistas. Pouco tempo depois, Amado segue para o Rio de Janeiro, pois seu pai lhe exigia um diploma, lá passou a trabalhar em alguns jornais, com indicação de um parente, o político Gilberto Amado. Nessa época, o país sentia os efeitos da quebra da Bolsa de Nova York, em 1929 — especialmente a economia cafeeira —, que resultou na Grande Depressão americana e na exacerbação política ideológica.

Na década de 1920, o tema acerca da modernização fazia parte das discussões sociais e políticas no mundo inteiro. A Europa, pós Primeira Guerra Mundial, afundada em uma crise de valores, perdera o status de símbolo da prosperidade capitalista, reverberando alterações na maneira de pensar de outros países, incluindo o Brasil. Por aqui, especialmente em São Paulo, intelectuais e artistas inspirados e influenciados pelos acontecimentos criaram o Movimento Modernista que resultou na Semana de Arte Moderna de 1922, revolucionando as artes e influenciando inversamente o surgimento do Regionalismo Nordestino, repaginado pelas mãos de Gilberto Freyre.

Os intelectuais brasileiros sofreram influências destes movimentos que chegaram primeiro em São Paulo, culminando com a Semana de Arte Moderna de 1922. No Nordeste, o movimento modernista assumiria então a feição particular de regionalismo nordestino, originando-se primeiramente em Pernambuco sob a liderança de Gilberto Freyre. As ideias modernistas só teriam sido “transportadas” para a Bahia cerca de cinco anos mais tarde, em 1927, com os poemas *Moema*, de Eugênio Gomes e *A Balada de Ouro Preto*, de Godofredo filho, influenciando o aparecimento de diversos grupos literários. É neste momento que Amado e uma turma de garotos entre 15 e 16 anos criam a Academia dos Rebeldes [...] os rebeldes tinham, sobretudo o propósito de fazer literatura. (CALIXTO, 2011, p. 53).

²⁹ Pinheiro Viegas, então com 63 anos, era uma espécie de guia dos *rebeldes*. “[...] o que resta do antigo Bar Bahia no qual se reuniam, há uns quinze anos passados, os jovens que, ao lado de Pinheiro Viegas, formavam um dos grupos da literatura moderna: Alves Ribeiro, Dias da Costa, Clóvis Amorim, Edison Carneiro, João Cordeiro e outros”. (AMADO, 1966 (1945), n.p.).

O contraponto entre o movimento modernista e o regionalismo nordestino, era que o primeiro tinha um conjunto de ideias voltadas para unidade nacional, enquanto que o último, liderado por Freyre, que não concordava com a superioridade da região Sudeste sobre os nordestinos, tomou um caminho inverso. Freyre, considera as particularidades das regiões, como raça, etnia e cultura, para depois integrar-se a nação, como demonstram seu Manifesto Regionalista (1926), no poema sobre Salvador (1926) e nos seus livros-guia turísticos escritos para Recife (1934) e Olinda (1939).

Amado e seu grupo que até então sorviam autores clássicos que iam de Aluísio Azevedo à Balzac. Contemporaneamente nutriam-se de ambas as tendências — modernistas e regionalismo —, recebendo o novo dentro das próprias referências culturais, mas priorizando o regionalismo nordestino, produzindo uma literatura, segundo ele,³⁰ de amplitude universal, pautando a realidade.

No início do século XX, a construção da nacionalidade foi atingida pelo descrédito da definição de raça:

[...] a qual representou, sempre, um enorme estorvo para os construtores da nação, dada a incongruência entre a importância dos mulatos e mestiços na vida social e os malefícios que as teorias racialistas atribuíam à hibridização. Com a aparição de Casa-grande & senzala, em 1933, iniciou-se uma grande mudança no modo como a ciência e o pensamento social e político brasileiros encaravam os povos africanos e seus descendentes, híbridos ou não. Gilberto Freyre, ao introduzir o conceito antropológico de cultura nos círculos eruditos nacionais e ao apreciar de modo profundamente positivo a contribuição dos povos africanos à civilização brasileira, foi um marco do deslocamento e do desprestígio que sofreram, daí em diante, o antigo discurso racialista de Nina Rodrigues³¹ e, sobretudo, a continuada influência que a escola de medicina legal italiana ainda exercia nos meios médicos e jurídicos nacionais. (GUIMARAES, 1999, p.2)

Com a Revolução de 1930, o governo vincula-se a setores intelectuais, principalmente ao regionalismo de Freyre, que para Vargas chegou na hora certa, para apresentar o país como porta de saída para a crise cultural ocidental, pós Primeira Guerra Mundial, em que a sociedade tropical “vivia em harmonia com as suas diferenças”, principalmente o Nordeste, mas especificamente a Bahia, berço da civilização brasileira, da miscigenação e do encontro de culturas. É a abertura para a convocação das políticas culturais instrumentalizadas pelo governo

³⁰ “Não nos pretendíamos modernistas, mas sim modernos: lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; uma literatura inserida no momento histórico em que vivíamos e que se inspirava em nossa realidade, a fim de transformá-la”. (AMADO, Jorge *Apud* RAILLARD, Alice. 1992, p. 36).

³¹ “Nina Rodrigues, médico, foi o primeiro a estudar sistematicamente a cultura dos africanos trazidos para o Brasil, como meio de decifrar-lhes a linhagem. Tornou-se, assim, um pioneiro dos estudos antropológicos afrobrasileiros. [...] As teorias racialistas de Nina Rodrigues e de Cesare Lombroso gozaram ainda de um certo prestígio, até meados deste século, nas escolas de direito do país, onde a moderna sociologia custou a penetrar. A modernidade trazida por Freyre, ao contrário, foi rapidamente assimilada pela escola baiana de antropologia social [...]”. (GUIMARAES, 1999, p.2)

Vargas, que passa agora a atuar no campo cultural, criando o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), relacionado ao campo da preservação do patrimônio material; o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), com o objetivo de utilizar o cinema como forma de direcionar a educação das classes populares; e o Instituto Nacional do Livro (INL), voltado para a ampliação do mercado editorial (CALIXTO, 2011), chancelando o Estado como promotor da ação cultural no país, em direção a reivindicações de intelectuais e artistas.

O ano de 1931 é o ano de lançamento do *País do Carnaval* de Amado, pela editora Schmidt, início da carreira literária do escritor, que acompanha a transformação da atividade editorial no Brasil. A partir daí, cursando a Faculdade de Direito no Rio de Janeiro, Amado que apoiou a entrada de Vargas³² ao poder, assim como outros intelectuais e artistas, realinha seu pensamento, agora completamente à esquerda, vide um governo autoritário, que se mantém no poder através de decretos, e escreve seu romance *Cacau* (1932), classificado como *romance proletário*, considerado pelo próprio autor como *uma propaganda partidária* (AMADO apud TÁTI, 1961, p. 46), conferindo um novo sentido social à sua obra, quando trata das camadas mais pobres da sociedade na época, que viviam à margem do governo que concentrava seus projetos de desenvolvimento e modernização na Região Sudeste, valorizando, a partir de agora, a Cidade e o povo da Bahia, seus costumes e modos de vida. O mesmo romance teve seus exemplares apreendidos pela polícia do Rio de Janeiro devido a sua matéria política, inaugurando aí uma repressão às obras de Amado.

É fato que Amado agora era instigado pela literatura comunista e o seu círculo literário, ainda restrito, tratou de encaminhá-lo à Juventude comunista.³³ Além disso, o escritor convergiu ainda mais com o regionalismo nordestino. A luta de classes e o *popular e original* atravessaram seus romances, como em *Jubiabá* (1935).

Com o Estado Novo instaurado em 1937, as relações entre o governo e os intelectuais tornaram-se relevantes. Mesmo os que se opunham ao governo, participavam de políticas públicas de acordo com a ideologia de governo, para em troca não sofrerem tanto cerceamento. Não foi o caso de Amado, que não participou de nenhum órgão do regime enquanto Estado

³² Getúlio Vargas foi o candidato que fez oposição a política chamada “café com leite”, onde presidentes eleitos de forma controversa vinham de oligarquias rurais e se alternavam entre São Paulo e Minas Gerais.

³³ "De fato, no período em que Amado conhece Rachel de Queiroz e é conduzido por ela à Juventude comunista, muitos livros ditos proletários tiveram suas traduções largamente difundidas pela 'Editorial Pax', que publicou romances fundamentais da primeira fase da literatura soviética aqui no Brasil. Dentre estes se pode destacar *Torrente de Ferro*, de Ostrovski, *Cavalaria Vermelha*, de Isaac Babel e *Júlio Jurenito*, de Ilya Ehrenburg. [...] Após os soviéticos, também foram traduzidas obras de autores comunistas americanos, como é o caso de John dos Passos, do neonaturalista Michael Gold (*Judeus sem dinheiro*) e também de autores alemães como Kurt Klaber (*Passageiro de Terceira*). Relacionando-se diretamente ao contexto de polarização político-ideológica, isto contribuiu para o surgimento de uma tradição de literatura proletária no Brasil que teve Amado como um dos fundadores" (CALIXTO, 2011, p. 69).

Novo, ao contrário manteve-se em oposição, o que lhe custou ver seu romance *Capitães de Areia* (1937), ser queimado em praça pública,³⁴ além de ser preso diversas vezes, mesmo que fosse solto em seguida, devido a sua importância no meio intelectual, atuando por diversas vezes, nessa época, internacionalmente e até fixando residência em outro país, numa espécie de expatriação voluntária.

Ainda que em lados opostos, a literatura de Amado e de outros literatos aproximava-se do que estava explícito no projeto cultural do governo, de que o ideário de nação poderia ser encontrado a partir do fundamento do seu povo, suas tradições e costumes. Dessa forma, a literatura, a música, as festas populares são amplamente utilizadas pelo governo, em forma de propaganda³⁵ — através do rádio,³⁶ cassinos, mídia escrita, livros-guia e guias turísticos — como atrativos do país, interessado em atrair parceiros comerciais e turistas, brasileiros e de outros países.

Essas estrelas da música, não é necessário dizer, foram fundamentais para a difusão da imagem do país no exterior. O que dizer de Carmem Miranda, vestida de baiana estereotipada, da “Aquarela do Brasil” de Ary Barroso, de “O Que é Que a Baiana Tem?” de Dorival Caymmi, todos símbolos fundamentais da brasilidade para exportação? (KELSH, 2018, p. 195).

De caso pensado ou não, Jorge Amado e outros intelectuais e artistas, principalmente o cantor e compositor Dorival Caymmi,³⁷ promoveram a Bahia para turistas do Brasil e do exterior durante o regime Vargas, sendo Caymmi o preferido do Estado, por não apontar as adversidades locais. A produção musical e intelectual dos baianos alcança as necessidades do

³⁴ O recém-instalado Estado Novo de Getúlio, manda perseguir e queimar livros de autores simpatizantes do comunismo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41969983>. Acesso em: 06 jun. 2023.

³⁵ “[...] discurso destinado a construir certa imagem do regime, das instituições e do chefe do governo, identificando-os com o país e o povo. Assim, produziram-se livros, revistas, folhetos, cartazes, programas de rádio com noticiários e números musicais, além de radionovelas, fotografias, cinejornais, documentários cinematográficos, filmes de ficção etc. Nesse conjunto, destacam-se a imprensa e o rádio como os meios mais utilizados para a divulgação da propaganda política”. (CAPELATO, 1999 *apud* KELSH, 2018, p.191).

³⁶ “No decreto nº 5077 de 29 de dezembro de 1939, o que aprovou o regimento do DIP, o artigo 7º, que elenca as competências da Divisão de Rádiodifusão, alínea i determinava: [...] irradiar, diariamente além da ‘Hora do Brasil’, um programa em idioma estrangeiro, em hora apropriada e determinada pelos países para os quais a irradiação se fará, em antena dirigido, devendo esse programa, além de números musicais, comportar a leitura de crônicas sobre as belezas naturais do Brasil, descrição pitoresca de regiões e cidades brasileiras, condições climáticas do país e tudo o que possa constituir atração para o turista [...] (BRASIL, 29/12/1939)”. (KELSH, 2018 p. 194).

³⁷ “Caymmi, serviu como uma luva nesse contexto: baiano, mulato, ainda era um jovem de 24 anos quando desembarcou do Itapé, em abril de 1938, na Cidade Maravilhosa, para tentar a vida como cantor. [...] Coube a esse ainda jovem compositor, através de seu primeiro sucesso, “O Que é Que a Baiana Tem?”, de 1938, catapultar essa moda da Bahia para fora do Brasil, pois foi essa canção que imortalizou a figura da baiana fora do país e lançou a carreira internacional de Carmen Miranda”. (KELSH, 2018).

Estado. Turistas, curiosos e estudiosos desembarcaram por aqui para conhecer as manifestações culturais, o popular, o candomblé,³⁸ temas promovidos pelo Estado, como negócio.

Ainda assim, se pensarmos que os intelectuais tiveram – e têm – papel singular na elaboração, legitimação e deslegitimação de projetos político-culturais em torno do modelo de nação, pode-se dizer que Amado, e suas obras encontravam-se no centro destes debates, produzindo discursos, partilhando ideias, e sendo reconhecidos por seus pares. Isto tanto na sua atuação no campo político como no campo literário, pois uma vez que refletia sobre a sociedade em seus romances, o autor também 'contaminava-os' com um sentido de nacionalidade. (CALIXTO, 2018, p. 68).

É nessas circunstâncias que alguns guias turísticos são produzidos: *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife* (FREYRE, 1934), *Geographia Sentimental* (SALGADO, 1937), *Guia de Ouro Preto* (BANDEIRA, 1938), *Olinda: segundo guia prático histórico e sentimental de cidade brasileira* (FREYRE, 1939), *Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador* (AMADO, 1945), ilustrados por Luis Jardim, Seth, Luis Jardim, Manuel Bandeira e Manuel Martins, respectivamente. Escritor já famoso nacional e internacionalmente, Amado lança o seu guia turístico ao fim do Estado Novo. Com a volta da democracia, no mesmo ano foi eleito deputado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB).

3.1 CÍRCULOS LITERÁRIOS, INTELECTUAIS E POLÍTICOS

Pouco mais de uma década antes de escrever o guia, mais precisamente após a sua estreia como literato, quando lança *O País do Carnaval* (1931), Amado, após ampliar suas redes de sociabilidade, passa a se reconhecer como um comunista, integrando a Juventude Comunista,³⁹ em 1932. Tais influências provocaram ao mesmo tempo uma alteração de identidade no escritor como uma direção a ser tomada, vindo a imprimir uma transformação no modo de ver a sociedade e na sua arte, conectando política e cultura.

O contato com regionalistas⁴⁰ nordestinos⁴¹ aconteceu no Rio de Janeiro, para onde iam aqueles que ansiavam ter uma carreira. No embalo da multiplicação de publicações, ocorridas

³⁸ “Usado como peça de propaganda para atrair turistas, o candomblé sofreu várias perseguições e discriminações. Sobre isso, Amado relata: “Em 43, quando a polícia do Rio me soltou e me forçou a viver em Salvador – e eu vivi aqui até 44, dois anos –, não fiz outra coisa senão ir à polícia buscar as armas de santo e as coisas todas dos candomblés que a polícia invadia, tomava os emblemas sagrados e os levava. Eu ia lutar para tirar meus amigos da cadeia... Fui amigo de Procópio, de Aninha, a mãe-de-santo Aninha [...]”. (AMADO *apud* GOMES, 1981, p. 11.).

³⁹ Organização política brasileira fundada oficialmente em 1927, com o lema: "Ousar lutar, ousar vencer!".

⁴⁰ Nessa época, a Bahia não pertencia à região Nordeste.

⁴¹ “Amado passa também a conhecer pessoalmente alguns dos escritores do movimento de 1930, tais como José Américo de Almeida, Amado Fontes, Gilberto Freyre e Rachel de Queiroz, entre os quais ele próprio iria se incluir.” (CALIXTO, 2018, p. 73).

quando sua produção se torna mais viável devido à crise internacional, novas editoras surgem, a exemplo da editora José Olympio,⁴² ou se reerguem, abrindo caminho para os literatos, conformado com o aprimoramento da crítica literária.

Mais do que uma simples editora, a José Olympio funcionava como um polo de produção e irradiação de cultura. Nos fundos da livraria, na Rua do Ouvidor, se reuniam artistas, jornalistas, professores e literatos. Indivíduos que se tornaram expoentes da intelectualidade brasileira – em um processo de sacralização que ocorre sinergicamente dentro do campo intelectual – como Graciliano Ramos, Cândido Portinari, José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Carlos Drummond de Andrade (CALIXTO, 2018, p. 67).

Desde década de 1920, que Amado e seu grupo da Academia dos Rebeldes, ainda muito jovens, tinham contato com a literatura de Freyre, ainda que nesse tempo não significasse comungar do mesmo ideário, mas agora fixado no Rio de Janeiro, na década de 1930, era possível o contato direto com o escritor de *Casa-grande & senzala*,⁴³ assim como outros literatos que faziam parte do regionalismo nordestino e intelectuais de esquerda, com os quais agora tinham, segundo Ilana Goldstein (2002), discussões acaloradas sobre arte, história e filosofia. Calixto (2018), reitera que essa nova orientação deixará fortes marcas nas próximas publicações de Amado, que serão classificadas como romance proletário, já mencionado anteriormente, e terão um público predominantemente à esquerda.

O interesse de Amado pelo tema afro-brasileiro se intensificou e passou, junto com intelectuais da época, a buscar compreender a contribuição negra para a estruturação do país. Em 1934 acontece o primeiro Congresso Afro-Brasileiro, no Recife, influenciado por Freyre e três anos mais tarde, na Bahia, com participação direta de Amado, Martiniano Eliseu do Bonfim, especialista na língua e na cultura iorubá e Mãe Aninha, fundadora do terreiro Ilê Axé Opó Afonjá.

⁴² Amado trabalhava na Editora José Olympio como responsável pela publicidade, mas logo passou a relacionar-se com os intelectuais e literatos, inclusive os modernistas, durante os anos que trabalhou por lá. Pouco tempo depois, acertou com a editora a publicação de *Jubiabá* (1935). “A José Olympio publicou todo romancista hoje considerado canônico e, desse modo, acabou por se constituir numa concentração sem precedentes e numa centralização de autoridade, entendida esta autoridade como o poder de reconhecimento e, em última instância, de legitimação no campo editorial. Era como se a publicação sob o selo da José Olympio fosse condição *sine qua non* da consagração” (JOHNSON, 1995).

⁴³ Para a autora Calixto (2018) ainda que Amado tenha sofrido influência da suposição “abandono da raça em nome da cultura”, destacando a contribuição positiva da mestiçagem étnico-racial brasileira, especialmente no que diz respeito à herança africana em suas obras, para o romancista a miscigenação não tinha o mesmo caráter harmônico que para Gilberto Freyre; pelo menos naquele momento esta tese foi descartada. Isto porque, enquanto intelectual comunista, o sentido socioeconômico parecia se sobrepor ao racial. Assim, para se resolver o problema do racismo seria necessário antes a transformação das estruturas arcaicas da sociedade do que a miscigenação.

Empenhado pelo regionalismo nordestino e inspirado na literatura de Freyre, Amado passa a viajar pelo interior da Bahia e até de outros Estados, incorporando em seus romances características do povo baiano, como cultura e mestiçagem, aliado a um ideal comunista. Justamente essa linha de pensamento que irá percorrer a sua obra durante boa parte de sua carreira, que o tornava revolucionário, causando desconforto a Era Vargas, daí ter atraído para si diversas perseguições.

Intelectual e militante, Amado escrevia para periódicos comunistas dentro e fora do país, lutou contra a censura e foi acusado de participações em levantes contra o governo. Há menos de um mês como secretário de Anísio Teixeira — considerado comunista —, na secretaria geral de Educação e Cultura, precisou sair às pressas do gabinete, mas foi encontrado e preso por dez dias. As ameaças seguiram e, outras vezes, preso. Para evitar novas prisões, Amado, já casado e com uma filha, busca refúgio em Estância, em Sergipe, onde dá sequência ao romance *Capitães de Areia* (1937), vindo a terminar de escrever durante uma viagem internacional, após o clima político melhorar. Ele viajou para publicizar seus livros, visitar editoras e se encontrar com escritores e intelectuais. Entretanto, após a publicação de *Capitães de Areia*, o governo manda recolher esse título e os anteriores, e próximo ao Elevador Lacerda incendeia cerca de 1800 livros, a maioria de Amado.

Quando o escritor retorna da viagem pelas Américas é preso novamente. Solto em seguida, volta para Estância. Enquanto isso, professores franceses que atuavam na Universidade de São Paulo (USP), têm contato com a literatura de Amado, e *Jubiabá* é traduzido e publicado pela Editora Gallimard, na França. À mesma época desembarcam aqui os franceses Roger Bastide, professor da USP, Pierre Verger, fotógrafo-viajante, e o argentino, Carybé, artista-plástico, que irão fazer parte do círculo de Amado. Apesar desse panorama de repressão, instaurado o Estado Novo, vários intelectuais, mesmo aqueles ideologicamente à esquerda, passam a participar do aparato do Estado.

3.2 O ARTISTA SOCIAL E O REGIME [GOVERNO]: UM ESTADO DE AMBIGUIDADES

Aparando-se algumas arestas, o governo Vargas entendia que a promoção da Bahia importava aos seus objetivos, e as prisões cessaram. As características afro-brasileiras da cultura baiana começam a ser utilizadas pelos agentes públicos e privados para fins turísticos ao final da década de 1930. Percebendo o fascínio dos visitantes pelo caráter folclórico das festas baianas e o seu poder de arrebatá-las as multidões populares, os poderes públicos passaram a incentivar essas manifestações e a oficializá-las em prol do Estado, mas apenas aquelas

manifestações populares que interessassem enquanto propaganda do governo Vargas. Aliado a isso, Lobato,⁴⁴ subúrbio da capital baiana, protagonizou a descoberta do petróleo, e passou a receber excursões de turistas, roteiro incluído e organizado pelo TCB baiano.

De volta ao Rio de Janeiro, Amado não integra nenhum cargo no Estado Novo, ocupando-se principalmente da literatura. Ao que parece, a influência dos acontecimentos políticos, as perseguições, e o período em que Amado sai de cena, contribuíram para um certo esfriamento no chamado romance proletário. Nesse período, vários intelectuais, mesmo os que divergiam do regime, estavam participando dele.

Entretanto, deve-se considerar que, para além da adesão ou não ao projeto político do governo, o envolvimento de intelectuais de oposição no aparato do governo pode ser compreendido a partir da ambiguidade própria do governo Vargas, que, com o Estado Novo, passa a permear e a tornar mais complexas as relações entre os intelectuais e o regime. Assim, mesmo em campos políticos opostos, seja dentro ou fora do aparato de Estado, os intelectuais de esquerda se aproximaram do discurso varguista em diferentes pontos e especialmente no que compete ao sentido de ‘nacional’, ‘popular’ e ‘moderno’. (CALIXTO, 2018, p. 76-77).

Kelsh (2018), cita a participação de um grupo de colaboradores famosos como Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Tasso da Silveira, José Lins do Rêgo, Paulo Rónai, Sérgio Buarque de Holanda e Cecília Meireles, como cronistas e críticos em revistas de circulação internacional. Nas instituições político-culturais, apareciam Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Candido Portinari, Oscar Niemeyer, Sérgio Buarque de Holanda e Graciliano Ramos.

Mesmo a Editora José Olympio, que representava os dois lados, editou vários volumes da Nova Política do Brasil, de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, assim como editou diversos livros dos literatos esquerdistas, como Amado.

Pode-se dizer inclusive que o autor foi beneficiado, de forma indireta, pelas estruturas criadas pelo governo no campo cultural. Estruturas estas que garantiram o sucesso do romance social ao mesmo tempo em que contribuía para a legitimação das bases do Estado. [...] Como se percebe, apesar de Amado ter participado ativamente de diversos movimentos esquerdistas entre o início dos anos 1930 e os anos finais de 1950, a sua postura político-ideológica não impediu que estabelecesse relações com as instituições político-culturais do governo Vargas. [...] Deste modo, a literatura de Amado ia ao encontro da política cultural do governo Vargas de recuperação e positividade do passado nacional, através do 'resgate' de aspectos ligados ao “povo” – aqui tomado como sinônimo de camadas pobres da população. Isto porque, de maneira semelhante aos regionalistas, a política cultural do governo também compartilhava do pressuposto de que a busca e criação do 'espírito nacional' do país, poderia ser

⁴⁴ “Numa curva em torno ao mar ficam os subúrbios da cidade da Bahia, servidos pelos trens da Viação Férrea Federal Leste Brasileira. O primeiro é Lobato, onde se elevam ainda torres de petróleo e onde um pequeno monumento marca o lugar onde foi descoberto o ouro negro baiano [...]”. (AMADO, 1966 [1945], n.p.)

encontrado nos costumes, na tradição, na raça, língua e memória do passado do povo [...]. (CALIXTO, 2018, p. 78-79).

O Estado Novo consegue imbricar os modernistas e o regionalismo nordestino no seu governo, se beneficiando diretamente de ambos. Gilberto Freyre vai ajudar a promover as cidades históricas nordestinas tanto para o fortalecimento do processo identitário e biográfico nacional como para a nova economia do turismo, com o apoio do governo Vargas, segundo Kelsh (2018).

Freyre publica nessa época *Olinda: segundo guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira* (1939), um ano após Manuel Bandeira ter lançado *Guia de Ouro Preto* (1938), que foi relançado em 1942. O livro foi publicado e encomendado por Rodrigo Melo Franco de Andrade,⁴⁵ diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em períodos de movimentação das ações de fomento ao turismo de Vargas, tornando-se modelo no plano da cultura e da política do país, ainda que algumas de suas ideias não fossem acatadas no projeto varguista que até queria o regional, mas de modo que não fortalecesse o seu domínio cultural local, relata Carolina Ferreira (2018).

Motivado pelos guias turísticos de Freyre para Recife e Olinda, e incentivado por Manuel Martins, Amado escreve o seu guia *Bahia de Todos os Santos*. Por ter sido lançado ao fim da Era Vargas, não há indicativo de que tenha sido patrocinado pelo governo. O seu teor também contrastava com as diretrizes do governo sobre as políticas de turismo. De semelhante, Amado ressaltava a contribuição positiva da mestiçagem étnico-racial brasileira, reforçando a ideia do mito da democracia racial (CALIXTO, 2018).

3.3 PRESSUPOSTOS CULTURAIS LITERALIZADOS

Os guias turísticos publicados nesse período, já elencados alguns deles, conceberam uma imagem turística que ajudaram a construir, representar e tornar visível a cidade, literalizando paisagens (CANCLINI, 1995), estereotipando comportamentos e exaltando culturas, em conformação com o caráter nacional-popular da cultura brasileira que estava sendo construído e legitimado através da valorização da mestiçagem, de onde viriam os símbolos nacionais para

⁴⁵ “[...]em 1936, o ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, aprovou o projeto de Mario de Andrade, que propôs a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). Mario, que até então dirigia o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, indicou o nome de Rodrigo Melo Franco de Andrade para a direção do Sphan. Ele assumiu a direção oficialmente em 1937 e durante 30 anos dedicou-se à preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/173>. Acesso em: 02 jul. 2023.

a conformação da identidade étnica nacional, como se vê amplamente na obra Amado (FERREIRA, 2018). É nessa circunstância de políticas em prol do desenvolvimento do país, de discussões em torno da cultura e do patrimônio nacional, que Jorge Amado cria o guia Bahia de Todos os Santos, mesmo período de seu envolvimento político com o Comunismo.

A nação passa a ser vista, a partir da década de 30, como um sistema de representação cultural, tomando, principalmente, seu patrimônio natural e cultural, sua história, tradição, símbolos e imaginário como ferramentas para garantir a unidade nacional de um país cindido que precisava ser unificado. A preocupação com a questão nacional aparece antes desse período, mas é retomada no governo de Getúlio Vargas. A política cultural que foi implantada nesse período valorizava o nacionalismo, a brasilidade, a harmonia entre as classes sociais, o trabalho e o caráter mestiço do povo brasileiro (RUBIM, 2007, p. 16 *apud* FERREIRA, 2018, p. 74).

Alguns guias turísticos estavam sendo patrocinados pelo SPHAN, como *Olinda: segundo guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira* (1939), um ano após Manuel Bandeira ter lançado *Guia de Ouro Preto* (1938), que foi relançado em 1942. Essas eram cidades consideradas “meninas dos olhos” do SPHAN,⁴⁶ e Ouro Preto⁴⁷ foi a escolhida para representar o passado colonial brasileiro.

Em meio a manipulação e ao de jogo de poder e de procura por representação identitária e cultural para o país, que era não só uma questão histórico-cultural, mas também política, permeia o seu guia com a mesma valorização da cidade. Entretanto, lança mão dos traços identitários do povo baiano,⁴⁸ de como eles refletem a identidade nacional o modo singular do baiano, em relação a seu jeito de ser, viver, a cordialidade, a alegria, a cultura, a mestiçagem, seus costumes e a religiosidade (FERREIRA, 2018).

'Roma negra' já disseram dela. 'Mãe das cidades do Brasil', portuguesa e africana, cheia de histórias, lendária, maternal e valorosa. Nela se objetiva, como na lenda de Iemanjá, a deusa negra dos mares, o complexo de Édipo. Os baianos a amam como mãe e amante, numa ternura entre filial e sensual. Aqui estão as grandes igrejas católicas, as basílicas, e aqui estão as grandes macumbas, o coração da seita fetichista dos negros brasileiros. (AMADO, 1966 [1945], n.p.).

O momento, em certa medida, parecia ser propício à escrita do guia. A Bahia estava inserida em vários acontecimentos entre o final da década de 1930 e início da década de 1940. Na academia, Isaías Alves havia criado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; na

⁴⁶ Ferreira (2018) relata que os modernistas influenciaram na campanha de escolha e preservação da cidade como patrimônio arquitetônico do Brasil colonial, fazendo parte da política cultural de Vargas.

⁴⁷ O SPHAN definia os patrimônios históricos e culturais que deveriam ser preservados. Para saber mais ver: CHUVA, Márcia. Os Arquitetos da Memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

⁴⁸ Outros literatos também se utilizaram dessa narrativa. José Valadares (2012 [1951], p. 20) disse: "[...] Mas quem nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia, jamais será salvatoreense: há quem chame baiano da gema”.

economia oficializou-se a existência de petróleo no Brasil, em Lobato, subúrbio de Salvador e foi descoberta uma grande reserva de gás natural em Aratu. Compositores brasileiros, produziram uma série de sambas cujo tema era a Bahia e suas peculiaridades culturais, entre eles Ary Barroso e Dorival Caymmi. No cinema, o musical *Banana da Terra* com Carmen Miranda com trajes de uma *baiana* estereotipada. Na canção *O que é que a baiana tem*, a projeção de Caymmi. O também filme *The Three Caballero*, ambientado, em uma das histórias, na Bahia, ao som de *Você Já Foi à Bahia?* de Dorival Caymmi, frase da mesma música que aparece como dedicatória no guia de Amado (KELSH, 2018).

"— Você já foi à Bahia, nega "
"— Não!"
"— Então vá..."

Os versos acima, trecho da música de mesmo nome, composta e interpretada por Dorival Caymmi, aparecem nas primeiras páginas, de maneira introdutória, no guia de Amado (1945, p. 9). O trecho citado é um convite imperativo de Jorge Amado, propondo à leitora e ao leitor a necessidade de vir à Bahia.

4 VOCÊ JÁ FOI À BAHIA, MOÇA? NÃO! ENTÃO VÁ

Devido a repressão do período, a literatura de Amado passa por um hiato dentro do país. Ainda escrevia para alguns jornais e revistas, por vezes com pseudônimo. A José Olympio, sua então editora, e para a qual ele realizava alguns trabalhos, não fazia mais lançamentos de seus livros e nem novas edições e não escondia temer perder milhares de exemplares numa fogueira novamente. Fora do país, seus livros foram traduzidos⁴⁹ para diversos idiomas, outros eram lançados fora, como a biografia de Luís Carlos Prestes,⁵⁰ *O Cavaleiro da Esperança* (1942), o que lhe dava uma forma de estabilidade.

O país passava novamente por uma onda de perseguições aos opositores do governo, enquanto assistiam ao início da Segunda Guerra Mundial. Era o fim da trégua entre governo e comunistas. Nesse revés, no início de 1940, muitos foram presos e torturados. Prestes que já estava cumprindo pena, vê distante a possibilidade de liberdade, devido as delações a seu respeito. Nesse cenário, Amado achou propício escrever a biografia de Castro Alves, *ABC de Castro Alves*⁵¹ (1941), posicionando-se na luta pela liberdade, e os primeiros capítulos foram lançados na revista *Diretrizes*, uma das publicações para a qual Amado trabalhava, que nesse momento ainda circulava com regularidade. Não demorou para que Amado dispensasse todos esses pequenos trabalhos e pudesse se dedicar aos seus livros. Conseguiu, através do biógrafo de Monteiro Lobato, Edgard Cavalheiro, fechar com uma nova editora, a Martins, parceria que permaneceu por mais de 30 anos (AGUIAR, 2018).

A situação internacional se agravou, a Alemanha havia invadido a União Soviética, por aqui amigos militantes exilados, e diante da possibilidade de ser preso novamente, Amado sai do país. Durante a viagem, recebe todo material necessário para escrever a biografia de Prestes. Claridad, editora argentina, incumbiu-se de fazer a distribuição para países de língua espanhola. Aqui, a obra chegava clandestinamente, e em pouquíssimos exemplares (AGUIAR, 2018).

⁴⁹ O escritor tinha o aparelho comunista a seu favor, que funcionava traduzindo as suas obras, além disso em suas viagens enquanto escritor e/ou militante do Partido Comunista, divulgava os seus livros pelo mundo, ultrapassando as fronteiras nacionais. O poder de alcance da recepção e divulgação permitiu que ganhasse leitores em diferentes países (FERREIRA, 2018, p. 94).

⁵⁰ Prestes foi um líder comunista preso pelo regime do Estado Novo, de Getúlio Vargas. Amado, foi escolhido pela família de Prestes para escrever a biografia, enquanto esse estava preso. Amado que já havia escrito a biografia de Castro Alves, *ABC de Castro Alves* (1941) — trabalho que serviu de base para guia pois ambos se assemelham ao fazer a apresentação para uma leitora imaginária —, aceitou de imediato. na biografia, amado defendia a liberdade do líder e de outros militantes ou não que o Estado mantinha encarcerados. Em uma narrativa combativa, Amado, na biografia, denunciou os abusos cometidos pelo governo brasileiro.

⁵¹ Após seu lançamento pela Martins, editora que não contava com a simpatia do Governo, o livro foi proibido de ser exposto e noticiado.

Amado, romancista por natureza, põe um ponto final às biografias, e dedica-se à *Terras do Sem Fim* (1943) e a *São Jorge dos Ilhéus* (1944). O Brasil abandona a neutralidade e entra na guerra contra os nazistas, pressionado pelos norte-americanos⁵² — que construíram três bases militares na Bahia —, com os quais mantinha a Política da Boa Vizinhança.⁵³

A situação agora era favorável à volta ao Brasil. Amado conseguiu autorização no consulado brasileiro, em Montevidéu, para voltar ao país no final de 1942, com a condição de voltar à Bahia, inicialmente sua cidade natal, porém conseguiu ficar na capital baiana (AGUIAR, 2018).

Para custear as despesas na nova morada com a família na *Cidade da Bahia*, Amado vendeu uma peça de teatro para a atriz e cantora Bibi Ferreira (AGUIAR, 2018). Estava proibido de sair da Bahia sem autorização. Não por acaso escolheu um lugar distante para viver, uma espécie de *abrigo* ou *trincheira*. O local escolhido foi Periperi, onde morou entre 1942 e 1945, subúrbio ferroviário, com custo de vida mais baixo. A vivência no subúrbio e em Periperi foi narrada no guia. Vale citar os trechos em que Amado escreve sobre eles:

Capítulo *Subúrbios*

Numa curva em torno ao mar ficam os subúrbios da cidade da Bahia, servidos pelos trens da Viação Férrea Federal Leste Brasileira. O primeiro é Lobato, onde se elevam ainda torres de petróleo e onde um pequeno monumento marca o lugar onde foi descoberto o ouro negro baiano, e o último é Paripe, com poucas casas. Estes subúrbios eram antigamente fazendas que foram transformando-se aos poucos em localidades de veraneio e que perdem cada vez mais este caráter para adquirirem o de bairros de moradia pobre. Depois de Lobato vem Plataforma com sua grande fábrica de tecidos e grande população operária. Plataforma está ligada a Itapagipe (fica defronte à península) pelas canoas que vão e vêm numa travessia que num dia de sol é delicioso passeio. [...] Depois é Itacaranha com seu ar moribundo. Casas em ruínas, uma povoação que não vai para diante. Escada, com duas ou três boas casas, é pequenina e silenciosa. Já Praia Grande, residência de pequenos burgueses durante o ano e local de veraneio de "gente boa" nos meses de verão, tem um ar aristocrático. Mantém certa atitude de desprezo para com Peri-Peri com sua população misturada de pequenos burgueses e operários da estrada. Em Praia Grande há certa vida social, festas, uma animação de moças elegantes, rapazes esportivos, a praia cheia de corpos nus. Botes a motor e a vela cortam o mar. [...] Peri-Peri é a capital do subúrbio. Os enormes tamarindeiros sombreiam a rua da frente. Algumas boas casas residenciais, como também em Praia Grande. No mais casas para operários. Houve um tempo em que as casas ali eram baratas, quase sempre fechadas no inverno, abrindo-se no verão para os que fugiam do calor da cidade. Hoje, com a crise de moradia, é tão difícil conseguir uma casa em Peri- Peri quanto no centro da capital. Os que vêm veraneiar ficam para o ano todo apesar do medo do impaludismo que ainda é um fantasma debruçado sobre todo o subúrbio da Leste. Dois ou três candomblés, uma pequena

⁵² “[...] a Bahia - assim como todo o litoral do Nordeste - era considerada pelos Estados Unidos um ponto estratégico na defesa continental durante a guerra, e o exército norte-americano implantou uma frente de defesa continental na Bahia. Construíram o quartel de artilharia de Amaralina, a Base Baker, a Base Naval de Aratu e o campo de aviação de Ipitanga [...]”. (VASCONCELOS, 2016, p.327 *apud* KELSH, 2018, p. 253). Sobre o interesse dos norte-americanos, Amado escreveu: “[...] Aratu é onde está o petróleo e onde funciona a base aérea dos norte-americanos num dos lugares mais lindos do mundo”. (AMADO, 1966 [1945], n.p.).

⁵³ Período das relações políticas estadunidenses com os países da América Latina entre 1933 até 1945.

igreja católica, um cinema que funciona dois dias na semana, a praia, as árvores na rua. [...] Depois vem Coutos, poucas casas e uma usina. E, por fim, Paripe que é mais uma fazenda que mesmo uma povoação. Dali, de automóvel, pode-se ir a São Tomé de Paripe, velha povoação de magnífica praia, e a Aratu onde está o petróleo e onde funciona a base aérea dos norte-americanos num dos lugares mais lindos do mundo. (AMADO, 1945, p. 115-116).

Capítulo *Praias*

Do outro lado da cidade estão as praias suburbanas: a de Itacaranha, a de Escada, a de Praia Grande, a de Peri-Peri, a de Paripe. Servidas pelos trens da Leste Brasileira. Mais adiante está São Tomé de Paripe, com suas construções antigas, maravilhoso lugar de veraneio. Uma linha de ônibus (atualmente sem funcionar devido à dificuldade de gasolina) liga São Tomé de Paripe, ponto terminal da linha suburbana da Leste. (AMADO, 1966 [1945], n.p.).

Capítulo *Mês de Junho*

[...] Mas, ah! se a vossa residência for um subúrbio como o de Peri-Peri e não acenderdes a vossa fogueira na noite de São João sereis evidentemente olhado de maneira suspeita pelos habitantes do lugar, pelos vossos vizinhos operários da Estrada de Ferro ou pelos pequenos burgueses que a crise de moradia atirou para os subúrbios. Elevam-se as fogueiras sob as árvores, a terra parece envolta numa estranha luz vermelha, cheia de sugestões e mistérios. (AMADO, 1945, p. 140).

Hora da Guerra era o nome da sua coluna no *Imparcial*,⁵⁴ jornal que competia com o local *A Tarde*.⁵⁵ Trabalhava nas imediações da Praça Castro Alves, com a estátua do poeta, próximo a agitada Rua Chile, ao Terreiro de Jesus e ao Pelourinho, ainda mais degradados que no tempo dos *Rebeldes*.

No alto da montanha, na Praça Castro Alves, o poeta no monumento estende a mão libertária e aponta o mar embaixo, de um traço azul subitamente verde, onde as velas dos saveiros se abrem ao vento numa aventura renovada cada manhã. [...] Na liberdade da Praça com os choferes, os boêmios, os condutores de bondes. Ao fundo a estátua de Castro Alves. Em torno do poeta os choferes discutem a guerra:... — *Quero ver Hitler é fuzilado...* — *E o tal Franco da Espanha balançando numa corda...* O poeta está de braço estendido, solta a cabeleira, lá embaixo é o mar onde dormem os saveiros. — *Os russos avançaram?*

A Rua Chile é pequena. Vai da Praça Municipal ao Largo do Teatro, enladeirada. No entanto é o coração da cidade, nela se exhibe toda a gente. Como a Rua do Ouvidor, no Rio, ou a Rua da Praia, em Porto Alegre, ou a Rua Direita, em São Paulo. Em todas as cidades há uma rua assim. [...] Pelas cinco horas da tarde a rua está repleta. Comerciantes, advogados, médicos, políticos, funcionários, que saem dos escritórios, que sobem da cidade-baixa, que fecham os Consultórios, vêm esperar o bonde que os levará para o jantar. Mas demoram-se um pouco nos grupos em conversas, em busca

⁵⁴ “Quando na direção de Wilson Lins (era então o jornal propriedade do Coronel Franklin), ali trabalhei, no tempo da guerra. Nessa época “O Imparcial” era o órgão antifascista por excelência da cidade, vivo e movimentado, apenas pessimamente impresso (era uma velha máquina, depois, creio, substituída)”. (AMADO, 1966, n.p.).

⁵⁵ ““A Tarde” é o diário mais lido da Bahia. É um jornal ‘provinciano’, no bom sentido da palavra. Um jornal feito em função da vida da cidade. Daí, sua influência, que se estende até Sergipe, onde é mais lido do que os próprios diários locais. Jornal conservador, inimigo das manchetes berrantes, com boa”. (AMADO, 1966, n.p.).

de novidades, de boatos políticos, de notícias da guerra, comentários sobre as mulheres formosas, olhares lânguidos, um pouco de vida alheia para completar. [...] Quereis encontrar alguém na Bahia e não possuiis o seu endereço? Ide então à Rua Chile às cinco horas da tarde e com certeza encontrareis a pessoa que procurais. (AMADO, 1966 [1945], n.p.).

Amado, após o expediente no jornal, era figura certa na noite do centro da cidade, por vezes saía apressado para alcançar o último trem para o subúrbio (AGUIAR, 2018). Quando não dava mais tempo para pegar o trem, ficava por lá na madrugada, especialmente no *restaurante* de Maria José, na Praça Castro Alves, que ele distinguiu no guia.⁵⁶

Esse é um pobre restaurante, elegido dos choferes e dos boêmios. Onde estão os poetas da Bahia que não vêm comer as comidas de todo o sabor no pobre restaurante da madrugada? Que não vêm cantar a beleza da sua cidade? Onde estão, Antônio Nobre, os pintores da Bahia que não vem pintar? Por que se trancam eles na Igreja de São Francisco admirando o ouro velho? Aqui é o restaurante de Maria José, nem sala existe, é a liberdade da praça. Da Praça Castro Alves que um dia se chamou de Largo do Teatro em honra ao Teatro São João que aqui se erguia. Apenas um tabuleiro de vatapá e caruru, de frigideira e xinxim; de efó e moqueca, as latas de querosene cheias de mingaus e mungunzá. [...] Vai longe a madrugada. O restaurante está cheio e qualquer um de nós, o boêmio ou o chofer, o médico ou o estivador, o escritor ou o estudante, ajuda Maria José a servir os pratos de comida. (AMADO, 1966 [1945], n.p.).

A coluna no jornal era seu momento de luta contra o nazifascismo. Juracy Magalhães (AGUIAR, 2018), o governador, era mais condescendente, e fazia vista grossa. Não levou muito tempo para que intelectuais, literatos e militantes estivessem à sua volta. A casa em Periperi passou a reunir nomes de peso da literatura baiana, comunistas e insurgentes, inclusive Gilberto Freyre,⁵⁷ quando boatos diziam que ele agora era comunista.

Enquanto se dedicava a escrever *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, os comunistas aprovaram a proposta de união nacional com o governo de Getúlio Vargas, durante a Conferência da Mantiqueira, em agosto de 1943, pode ver o primeiro romance publicado no mesmo ano e o segundo no ano seguinte, ambos aplaudidos pela crítica⁵⁸ — o que nem sempre

⁵⁶ “Juraci Magalhaes um finíssimo político, lembrando aqueles de antigamente, que transformou o magro oficial de 30 num homemgordo que se apoderou das melhores virtudes políticas baianas? Alguém me disse certa vez, analisando o caráter baiano, que Juraci Magalhães aqui chegara quase direitista e daqui saiu democrata progressista, cheio de compreensão humana. Assim é a Bahia. Este é o seu clima, ligado ao passado, fitando o futuro”. (AMADO, 1966, n.p.).

⁵⁷ “Gilberto Freyre já notou que o espírito de moleque rompe sempre, na Bahia, o excesso conservador que tenta impor-se. O conservador e o revolucionário coexistem no espírito da cidade, chocam-se, fundem-se por vezes, são quase palpáveis no seu contraste”. (AMADO, 1966, n.p.).

⁵⁸ Quando deixou a capital baiana para o lançamento de *São Jorge dos Ilhéus*, Amado respondeu ao repórter da *Diretrizes*, ao ser questionado sobre as críticas à sua maneira informal de escrever seus livros: “Bem, eu poderia dizer que muitos não o acham. Possivelmente nada tenho de perfeito como estilista. Sou de uma geração que neste particular abriu caminhos próprios. Conseguimos escrever numa língua do povo brasileiro. Talvez não tenhamos dado a essa língua toda sua lapidação literária. Acredito que os jovens que venham a nos suceder completarão o nosso trabalho e se apossarão de um maravilhoso instrumento estilístico que é a língua à qual nós demos dignidade

ocorria — e traduzidos para outros idiomas. Agora, suas manhãs, antes de seguir para o jornal, seriam exclusivas para o Guia da Cidade da Bahia, num momento em que os guias turísticos se avolumavam.

4.1 A LITERATURA E O MODERNISMO BAIANO

Em São Paulo, clandestinamente, para o lançamento de *São Jorge dos Ilhéus* (1944), pondera sua experiência ao mesmo tempo em que rebate as críticas que surgem num momento de aprovação quase unânime, ao responder ao repórter da *Revista Diretrizes*, em maio de 1944:

Moro em Periperi, um subúrbio da cidade da Bahia, afastado inteiramente, como desde há muitos anos, de qualquer participação da chamada vida literária. Isso começou a acontecer quando passei a viver de meus livros. Enquanto não vivia deles e sim de um emprego numa casa editorial, ganhei suficiente experiência para saber que nada mais distante e diferente da literatura que as competições literárias. Sou um homem sem grupos literários, sem mestres e sem discípulos. Em compensação, sou um escritor que vive e sustenta sua família com o que escreve. Restaram-me alguns amigos escritores, porém seu número é ínfimo ao lado do número de amigos que vieram de outras camadas. Creio que sou um escritor do qual o povo é amigo. (Coleção *Diretrizes* apud AGUIAR, 2018, n.p.).

No retorno, traz consigo a encomenda do guia. José de Barros Martins, dono da editora que publicava seus livros, a Martins, possivelmente copiou a concorrência, a José Olympio acabara de relançar os guias de Freyre: *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife* (1934 [1942]) e *Olinda: segundo guia prático histórico e sentimental de cidade brasileira* (1939 [1944]).

Ao escrever esses guias, Freyre traz sua experiência de quando estudou por seis anos nos Estados Unidos, entre 1917 e 1923, época que presenciou o desenvolvimento do turismo e do lazer.⁵⁹ Ao desembarcar, encontra uma Recife modificada pelo ímpeto modernizador. À sua maneira *Modernista*, cria o Manifesto Regionalista (1926).⁶⁰ Freyre percebe o interesse europeu em algumas cidades do Nordeste e Salvador, que permaneciam não modernizadas por completo

literária. [...] Em geral, meus personagens são figuras do povo e eu os conheço bem. Não tenho culpa que críticos refinados desejem que eu racheie de intelectualismo pessoas que são absolutamente sérias. Quanto a mim, prefiro ser leal aos meus personagens. [...] Imagine você se ao fim de dez livros e de tão longo período de vida pública eu constatasse ser um homem unanimemente elogiado. Que desgraça! Felizmente, sou muito elogiado por uns, violentamente atacado por outros. Reconheço que o meio-termo em relação a mim e à minha obra é difícil, e nada me agrada mais que isso. Ante minha obra a neutralidade é impossível. O que me prova que tenho conseguido realizar algo do que me propus fazer”. (Coleção *Diretrizes* apud AGUIAR, 2018, n.p.).

⁵⁹ Para aprofundamento no florescimento do turismo, lazer, férias do trabalhador, descanso finais de semana, fatores que influenciaram no turismo de massas, ver: DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

⁶⁰ Uma proposta de valorização do que é culturalmente regional, deixando as imitações dos valores culturais cultivados pelo imperialismo ocidental socialmente industrial, sem renunciar à modernidade.

e pré-industriais,⁶¹ sendo Salvador a que possuía a maior e mais importante concentração de acervo colonial português. Disposto a promover as cidades históricas, inicialmente escreve o poema *Bahia de Todos os Santos e de Quase todos os pecados*, logo após visitá-la, em 1926 e, nos anos seguintes, promove Olinda e Recife, fortalecendo as características identitárias e a recente economia do turismo e do lazer, sob a tutela do governo Vargas.

Com base nos guias de Freyre, Amado passa a narrar a Cidade da Bahia, alicerçado em toda a experiência vivenciada no seu Estado natal, deixando de lado aqueles anos de reclusão, e voltando a ser um anarquista cultural. A agitação em torno da produção do guia se deve ao desembarque de Clóvis Graciano e principalmente de Manuel Martins, o ilustrador e o artista plástico enviados pela Editora Martins para a promoção do guia.

Só durante a guerra, em 1944, acontece em Salvador uma primeira e pequena mostra de arte moderna. Para ilustrar um livro meu (as primeiras edições deste guia da cidade), desembarcou na Bahia o pintor e gravador paulista Manuel Martins. Veio por um mês, demorou-se sete. (AMADO, 1977, p. 50).

Ferreira (2018, p. 102) destaca:

Nesse momento, Amado articula o campo intelectual ao político. Era seu projeto aliar política e literatura, não ficando isento o guia. Além disso, o livro é escrito em 1944 no auge da luta antifascista e demarca o posicionamento político de vertente comunista do escritor [...]. Seu pensamento e postura ideológica coaduna com o mesmo credo da editora e do artista plástico Manuel Martins, convidado para ilustrar a primeira edição do guia, mesmo sem ser artista da terra e desconhecedor desta, porém o seu compromisso em denunciar as desigualdades da realidade social, vivenciadas pelas minorias, levou a editora a chamá-lo para realizar esse trabalho para provocar a reflexão dos problemas sociais e econômicos da Bahia daquele período. A visão de Martins coaduna com a de Jorge Amado, ambos eram comunistas e vão denunciar a realidade de miséria das camadas mais baixas da população, descrevendo a população vivente no espaço do centro antigo e do seu entorno.

Era intenção de Amado, utilizar-se da escrita e da imagem para marcar o imaginário e transmitir a sua narrativa. A utilização das ilustrações com o texto verbal do guia *Bahia de Todos os Santos* é mais um recurso de reprodução de discurso para sensibilizar através do olhar perceptivo do leitor, induzindo ao desejo de conhecer a cidade (FERREIRA, 2018).

A amizade de Amado com os ilustradores vai além de simples parcerias de trabalho, pois ele sempre se interessou pelas artes visuais, sempre foi um gosto pessoal, independente de

⁶¹ Patrimônio como atrativo turístico, ver: CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 5 ed. São Paulo: UNESP, 2006. Ver também: SANT'ANNA, M. Salvador: patrimônio como insumo do turismo e do lazer urbano. In: *A cidade-atração: a norma de preservação de áreas centrais no Brasil dos anos 1990* [online]. Salvador: EDUFBA-PPG-AU/FAUFBA, 2017, pp. 71-114. ISBN: 978-85-232-1871-3. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523218713.0004>.

imposição editorial (FERREIRA, 2018). Além da ilustração do guia, Manuel Martins junto com Amado, estavam organizando uma Exposição de Arte Moderna da Bahia, com um teor antimodernista⁶² ao vanguardismo da Semana de 1922, e que teve uma repercussão negativa na mídia, como relata Amado:

Em sua bagagem trouxe uma pasta contendo desenhos, gravuras, litos, pontas secas de artistas novos de São Paulo, de Segall, de Tarsila, de Flavio de Carvalho a Graciano, de Rebolo a Bonadei, de Gomide a Walter Levy. Juntamos a esses trabalhos alguns quadros, aquarelas, desenhos e gravuras de Portinari, Pancetti, Di Cavalcanti, Goeldi, Santa Rosa, Cícero Dias que possuímos eu e Odorico Tavares. Odorico, recém-chegado à Bahia, eu, aqui novamente vivendo com residência obrigatória determinada pela polícia do Estado Novo, Manuel Martins, de prolongada passagem entre os três armamos a exposição em sala da Biblioteca do Estado, na Praça Municipal. Foi o grande escândalo. (AMADO, 1977, p. 51).

Flexor (2011) narra que a exposição de Manoel Martins, e outras que aconteceram no período, tiveram mais caráter político que artístico. Obteve patrocínio da Associação de Escritores, localmente representada por Jorge Amado, então comunista e que lutava contra o fascismo, sendo a mistura entre cultura e política inerente ao Estado Novo.

Quando a Semana de Arte Moderna de 1922 aconteceu, Amado, ainda muito jovem, começava a escrever seus textos.⁶³ Os modernistas já eram conhecidos e trouxeram a proposta de inovação, de ruptura, que caracteriza a forma de ser moderno,⁶⁴ sob a sua ótica burguesa e foram influenciados pelo vanguardismo europeu — o Cubismo, o Futurismo, o Expressionismo, o Dadaísmo e o Surrealismo, movimentos que surgem no início do século XX, na Europa —, sem, contudo, negar a cultura brasileira.

Ainda que exista essa distância de tempo entre o modernismo paulista e o modernismo baiano, para Amado — mesmo recusando tal influência⁶⁵ — e para os demais membros da Academia dos Rebeldes, o que ficou foi a necessidade de atravessar as ideias arcaicas sobre as artes e a literatura. Para isso, atualizando-as numa perspectiva de valorização da cultura local,

⁶² Ler: SEIXAS, Cid. Sosígenes Costa: Epopéia cabocla do modernismo na Bahia. In PÓLVORA, Hélio (org.). A Sosígenes, com afeto. Salvador, Edições Cidade da Bahia, 2001, p. 75-84

⁶³ A *Academia dos Rebeldes* produziu as revistas *Meridiano* e *o Momento*.

⁶⁴ Ver CHIAMPI, Irlemar (coord.). Fundadores da modernidade. São Paulo: Ática, 1991; PIVA, Luiz Guilherme. Ladrilheiros e semeadores: a modernização brasileira no pensamento político de Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte (1920-1940). Ed. 34. São Paulo, 2000.

⁶⁵ “Pode-se falar numa escola intelectual baiana, com características próprias que a diferenciam do Rio, de São Paulo, do Recife ou de Porto Alegre. Se bem o intelectual de qualquer dessas cidades tenha alguma coisa de baiano, sempre. O gosto quase sensual das palavras e do debate de ideias, a liberalidade da discussão, certa cordialidade democrática, o amor à liberdade, eis algumas das marcas intelectuais do baiano. É claro que alguns ficam apenas na recordação saudosista do passado, presos ao lado conservador do espírito da cidade. Na sua maioria, porém, eles formam uma escola de arte política que é tradição da inteligência baiana e é também a realidade intelectual de sua arte”. (AMADO, 1966 [1945], n.p.).

em especial, a cultura africana e afro-baiana, o patrimônio artístico e cultural, considerando a história e a tradição.

4.2 O REPERTÓRIO TEMÁTICO DA BAHIA NA LITERATURA DE CADA DIA

Ainda que o modernismo baiano tenha sido omitido da memória da literatura brasileira, o grupo da *Academia dos Rebeldes*, assim como outros grupos⁶⁶ (COSTA, 2022) que existiram por aqui e em outros estados, fez surgir uma literatura mais atenta às questões sociais e aos abusos de um governo autocrático. Com isso, abordando um Estado plural em etnicidade e cultura, descentralizando o modernismo paulista,⁶⁷ incapaz de dar conta da diversidade musical, linguística e literária, num país de dimensões continentais, tendo Amado e a sua obra no centro dessas questões, tão abordadas em sua literatura.

A ficção em seus livros traduz a sua vivência popular na capital baiana, como relata Amado:

Mas o mais importante era que levávamos uma vida muito boêmia, muito encravada na vida popular da cidade, da qual participávamos intensamente. Estávamos em todo lugar; nas festas, nos mercados, nos saveiros, nos grandes barcos de pesca – fiz toda a costa baiana em saveiro; nos 'chatôs', e como se dizia na Bahia – não eram exatamente bordéis, nem casas de encontro como os 'motéis' de hoje; na verdade, era mais um local de reuniões, nos servindo quase como salão literário... Havia ali “francesas” letradas, fazíamos leituras de poemas... Era uma vida muito cheia, muito rica, participávamos verdadeiramente da vida do povo, tínhamos muito contato com todos os setores da vida popular; passávamos o tempo em escolas de capoeira; comecei com o Edison e com Arthur Ramos, a frequentar os candomblés e a participar da vida religiosa baiana. (RAILLARD, 1990, p. 36-37).

A partir desse arquivo pessoal, Amado fez no guia uma construção particular da cidade. Numa linguagem romântica, contou como se vive na Bahia, deixando que a própria vivência se transformasse em tema. Igrejas, casarões, fortes, os festejos populares, a culinária, o candomblé e o sincretismo religioso e cultural foram facilmente apresentados, devido ao grau de intimidade com a cidade e seu povo.

Ao longo das suas páginas, o texto literário presentifica uma imagem real e mágica de uma territorialidade permeada por mistérios cotidianos. [...]. Mas é justamente nesse momento de profundo engajamento político que o escritor produzirá seu encantador

⁶⁶ Na Bahia destacaram-se três grupos que, cada um a seu modo, imprimiram a sua visão de arte moderna e de modernismo: Arco & Flexa, Samba e Academia dos Rebeldes.

⁶⁷ COSTA, Claudia. Para além de São Paulo, o Brasil também era modernista. Ciclo22 Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://ciclo22.usp.br/2022/03/04/para-alem-de-sao-paulo-o-brasil-tambem-era-modernista/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

guia, que se materializa como se fosse uma cartografia lírica do sentir, do amar, do respirar, do andar, do festejar baiano. (BARBARENA, 2013, p. 103 *apud* FERREIRA, 2018, p. 42).

Não era intenção de Amado, como ele próprio narrou, fazer do seu guia um catálogo, sobre quanto custou o Elevador Lacerda, a idade exata da Catedral, o número certo de milagres do Senhor do Bonfim, o autor queria ir muito além do pitoresco e da poesia, ele queria falar da dor e da miséria, prática advinda do seu engajamento sempre político, pois segundo ele, a política era a vocação do baiano. E citou toda a escola de arte-política, seus antigos companheiros da *Academia* e muitos outros, independente das diferenças.

[...] João Mangabeira, Hermes Lima, Luiz Viana Filho, Anísio Teixeira, Sosígenes Costa, Dias da Costa, Jacinta Passos, Édison Carneiro, James Amado, Adonias Filho, Jorge Medauar, Alves Ribeiro, Nestor Duarte, Rui Santos, Camilo de Jesus Lima, Herberto Sales, Wilson Lins, Godofredo Filho, Clarival Prado Valadares, Afrânio Coutinho, Eduardo Portella, Eugenio Gomes, Aloysio de Carvalho Filho, Clóvis Amorim, Vivaldo Costa Lima, Ariovaldo Matos, Vasconcelos Maia, Luiz Henrique, Glauder Rocha, Pinto de Aguiar, Paulo Gil, Carvalho Filho, Florisvaldo Matos, Jair Gramacho, José Pedreira, são nomes que provam que a tradição mais poderosa da inteligência baiana perdura viva. A esses nomes podem-se ligar vários outros, de intelectuais nascidos em diversos Estados mas que vieram a realizar-se completamente sob a imediata influência do clima da Bahia. Não é a obra de Artur Ramos, por exemplo, caracteristicamente baiana? Ou a do contista Herman Lima, e, a partir de certo momento, a do poeta e publicista Odorico Tavares? Não são hoje baianos os poetas Wilson Rocha e Carlos Eduardo? (AMADO, 1966 [1945], n.p.).

Entre tantos homens, fez referência a Jacinta Passos, escritora e poetisa, Sonia Coutinho, contista, ambas baianas, e a cronista potiguar, Matilde Matos. Artistas plásticos, pintores, escultores e colecionadores com quem mantinha íntima relação de amizade foram celebrados:

De ir à casa de Mario Cravo, admirar o trabalho de nosso grande escultor, o maior que o Brasil já produziu. De visitar Caribé, olhar seus desenhos, a notável série sobre santos e ritual de candomblé. [...] mais baiano de todos os baianos, filho de Oxóssi e obá de Xangô, esse extraordinário Caribé. [...] De bater palmas na porta de Mirabeau, escultor premiado e criatura humana sem igual. [...] De demorar-se em casa de Genaro, figura de toda simpatia e grande artista, criador da arte da tapeçaria baiana. De considerar a obra de Presciliano Silva, velho mestre que sabe compreender os jovens artistas, como os admiráveis gravadores Calazans Netto e José Maria, o jovem pintor De Santis, o escultor Agnaldo, de tanta força e tão popular. (AMADO, 1966, n.p.).

Os museus existentes na época da realização do Guia foram recomendados por Amado (1966), em detalhes.

Possui a cidade do Salvador dois Museus realmente magníficos. A simples visita a um deles já explicaria uma vinda à Bahia: o Museu de Arte Sacra e o Museu de Arte Popular. [...] O Museu de Arte Sacra, colocado sob a direção de dom Clemente Nigra, figura esplêndida de humanista, é uma das maiores realizações (talvez a maior) do inesquecível Reitor Edgard Santos quando à frente da Universidade da Bahia. Situado

no quadro admirável da Igreja e do convento de Santa Tereza, suas coleções são soberbas. Não há como descrevê-lo; faz-se necessário visitá-lo e demoradamente. [...] O Museu de Arte Popular é parte da Fundação do Museu de Arte Moderna e, sob a direção do escultor Mario Cravo, ocupa um dos mais belos conjuntos arquitetônicos da Bahia, o Solar do Unhão (restaurado pela arquiteta Lina Bardí, ex-diretora do Museu). Mario Cravo vem se empenhando numa tarefa exemplar para fazer do Museu uma unidade viva e criadora onde os artesões mantenham e continuem as grandes tradições baianas do trabalho na madeira, na prata, no ferro, no barro, no cobre. [...] Deve-se visitar ainda o Museu do Estado [...] constituído de valioso acervo composto das diversas coleções de Imaginária, Mobiliário; Prataria e Ourivesaria, Cerâmica, Numismática, armaria, etnografia e uma grande pinacoteca; [...] o Museu do Instituto Feminino, sob a direção da senhora Henriqueta Catarino. (AMADO, 1966, n.p.).

Dentre o repertório apresentado por Amado no guia, sem dúvida, as festas concorriam com outros atrativos da cidade em par de igualdade: *São muitas as festas populares da Bahia, festas religiosas, festas católicas, negras ou misturadas, festas de rua e festas patrióticas, material para um vasto livro* (1945, p. 145).

O grande problema enfrentado eram as acomodações, daí Amado (1945, p. 281) fez duras críticas:

Salvador é uma cidade pobre de hotéis. Em relação à sua importância talvez nenhuma cidade brasileira seja tão mal servida nesse particular. São poucos e maus. O viajante não tem muito por onde escolher e, com a guerra, tem grandes possibilidades de não encontrar cômodos em nenhum deles, nem mesmo pagando os preços absurdos que são as tabelas destes hotéis baianos, tão caros quanto ruins.

A deficiência na rede hoteleira se estende ao serviço de bares e restaurantes:

Mas onde está o bar que devia existir aqui para servir aos ricos que habitam o bairro, aos pobres que o visitam nas tardes calorosas dos domingos, de verão, aos turistas sequiosos? [...]. Ainda assim é num destes armazéns que poderá o turista comer uma galinha assada pela noite. (AMADO, 1945, p.70).

Segundo Kelsh (2018), os problemas com a ausência de infraestrutura na cidade, se devia a falta de recursos das elites locais para esses investimentos, acometidos que estavam pela retração econômica, já citada anteriormente, e a breve permanência de visitantes pela cidade, que tinham como destino final Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires, que estavam em busca dos grandes cassinos. A capital baiana era ainda um local de parada para quem aportava aqui, o que desestimulava empresários baianos, supostamente, a investirem em cassinos e em suporte para a atividade turística.

A Cidade da Bahia foi quase que totalmente elencada no guia. De revoluções a receitas de comidas afro-baianas. De monumentos à feiras-livres. É necessário ler o guia para entender e ser tocado por ele. É a transformação de cenários já velhos conhecidos em sua obra, em realidade. A cidade de dois andares preencheu o guia e tocou profundamente seus leitores/possíveis visitantes, desejosos que ficaram de conhecê-la. E essa foi/é a função desse Guia, que tem até despedida, ao jeito Amado (1945, p. 301) de envolver.

[...] Abri todas as suas portas para os teus olhos, ó moça, para os vossos olhos, ó viajantes. Sua beleza e sua pobreza. Mas aqui ficamos nós, o povo da Bahia, resistente e bom. Um dia a miséria não mais manchará tanta beleza, tanta poesia, o grande mistério da Bahia. Quando voltares, moça, um dia, no futuro. Nós, o povo da Bahia, estamos plantados sobre um grande passado mas fitamos o futuro e para ele marchamos. Para o futuro sobem as ladeiras da cidade da Bahia.

Peri-Peri, setembro de 1944⁶⁸

4.3. A REVERBERAÇÃO DO GUIA

Márcia Rios da Silva (2009), em seu livro *O Rumor das Cartas: um estudo de recepção de Jorge Amado*, apresenta uma das cartas enviadas por leitoras à Amado (Acervo Fundação Casa de Jorge Amado), referindo-se ao Guia Bahia de Todos os Santos (FERREIRA, 2018, p. 47):

Jorge,
 Como vai? Embora a gente não se conheça tenho muita simpatia por você e sua mulher. Acompanho seus trabalhos e entrevistas sempre que possível.
 Lendo um de seus livros “Bahia de todos os santos” senti muitas emoções lembradas, digo isso porque já estive em Salvador e sou uma moça que sempre quis ir à Bahia. O seu livro é dirigido a uma moça que chega à Bahia.
 Nessa viagem, telefonei em sua casa, isso em janeiro de 84 e você não estava. Havia viajado para a Itália. Aqui está tudo o que senti e voltei a sentir no seu livro.
 Em 1º lugar, descansei muito nessa viagem, como não descansei em nenhuma outra. 'A prosa calma, de frases redondas, longas pausas esclarecedoras, gestos comedidos e precisos, sorrisos mansos e gargalhadas largas. O baiano faz da amabilidade uma verdadeira arte, cordial, compreensivo, descansado e confiante. Gostando de rir, conversar, contar casos. Gargalhada clara e solta.'
 O convite que está no início do livro é de arrepiar.
 'Ouves? É o chamado insistente dos atabaques. Lendo a despedida, 'Adeus moça também arrepiei.
 Uma vendedora de acarajé errou no troco e me deu \$ a mais. Expliquei a ela e peguei o troco certo e admirei mais essa gente que trabalha, mesmo arriscando se a levar prejuízo, ser enganado, mas trabalha.
 Aprendi a ver a abolição com outros olhos, principalmente que ela foi conquistada e não dada.
 Depois dessa viagem não fui mais à Bahia, mas espero voltar.
 Termino com um grande abraço para vocês dois e projetos de um dia conhecê-los.

A tocante ligação dos leitores e leitoras de Amado com a arte narrativa de seus livros e do guia revelam o interesse pela cultura, personagens e cenários da cidade. O convite “A Bahia te espera para uma festa cotidiana” é aceito, apesar das críticas aos destinos ainda não

⁶⁸ Concluído em setembro 1944, o guia só é lançado em outubro de 1945.

preparados para recebê-los, ao choque de desigualdades sociais e de extrema pobreza, ao progresso abusivo e uma política excludente. Ali “vive o povo mais doce do Brasil”, mas também, se necessário for, sublevado. Dessa forma, o escritor retrata a Bahia e os baianos como eles os via, despertando emoções em quem lê.

Enquanto o guia estava para ser lançado, os jornais traziam notícias e acontecimentos ligados ao turismo, como demonstra Ferreira (2018), em sua pesquisa:

- Não sei porque a Bahia ainda não se transformou em uma cidade de turismo universalmente conhecida – diz-nos a embaixatriz Berle. A harmonia de suas igrejas barrocas, a cristalização de uma arte tipicamente do século XVIII em vários de seus monumentos, a riqueza da culinária baiana, saborosíssima, tudo isso vai compondo um ambiente ideal para o turismo. (O IMPARCIAL, 20 jun. de 1945 *apud* FERREIRA, 2018, p. 78).

O mundo procura restabelecer-se dos tremendos abalos sofridos, nos últimos anos, e os novos tempos, pelos quais tanto lutamos, apontam rumos bem diferentes daquelas que outrora eram uma fonte de inquietação entre os homens. O turismo que volta a sua atividade, desta vez não apenas como diversão, mas também como um elo entre as nações assume uma importância vital, neste dealbar da nova era. O Brasil pelas suas riquezas, pelos seus panoramas, pelo papel preponderante que teve na grande luta pela Civilização, monopoliza as atenções das empresas de navegação e turismo. Semanalmente batem às nossas portas emissárias das nações amigas, buscando informes sobre a maneira de virmos a hospedar esses turistas que, aos milhares, aprestam-se para nos visitar. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 28 ago. 1945 *apud* FERREIRA, 2018, p. 78-79).

O guia é lançado quando o turismo começa a ter êxito, acompanhado da revolução tecnológica e do desenvolvimento industrial, das mudanças nos estilos de vida e de comunicação (CISNE; GASTAL, 2010). No entanto, a capital baiana ainda permanece com uma indústria de turismo incipiente por alguns anos. No mesmo ano, em 1945, Prestes foi anistiado em troca de apoio ao Governo, a guerra terminou e era também o fim do Estado Novo, com Getúlio Vargas deposto, ao tempo que Amado se despedia da Bahia para participar do início da redemocratização do país. Sua fama foi aproveitada pelo partido, e ele se tornaria Deputado Federal, cassado 2 anos mais tarde, exilando-se na França e na República Tcheca.

Depois da primeira edição, o guia teve mais de quarenta edições. A última atualização feita por Amado foi em 1986. A primeira ocorre quando Brasília é criada, em 1960, e junto com ela novas políticas públicas para o desenvolvimento do turismo. Nesse período, o turismo passou a compor o Programa de Recuperação Econômica da Bahia, na gestão de Juracy Magalhães (1959-1960), desenvolvendo o Plano Diretor do Turismo.⁶⁹ A intelectualidade

⁶⁹ O governo de Juracy Magalhães foi importante para o turismo baiano, por ter contemplado as primeiras ações de planejamento sistemático para o setor. Também foi ponto de partida e de apoio político para Antônio Carlos Magalhães (ACM) que, em dois governos posteriores a este período, rompe definitivamente com antigas

baiana volta-se para a criação de uma mentalidade turística, tendo Amado como a figura central nesse processo, que já trazia na mala sucessos como *Seara Vermelha* (1946), *O Amor do Soldado* (1947), *O Mundo da Paz* (1950), *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954), *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'água* (1953), *Os Velhos Marinheiros* (1961), e desde 1961⁷⁰ voltou a morar em Salvador.

O mecanismo de divulgação utilizado seria os elementos simbólicos como o “povo negro, o candomblé, Verger com as suas fotografias, as pinturas de Carybé, as músicas de Dorival Caymmi” (FERREIRA, 2018), seguidos de outros nomes. Dessa forma, criou-se um projeto artístico para propaganda turística da Bahia.

O governo brasileiro, durante a ditadura militar,⁷¹ regulamenta a atividade turística com o Conselho Nacional de Turismo (CNT) e da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), para a criação e execução das políticas públicas de turismo, através do Decreto-lei 55/66 de 18 de novembro de 1966, mesmo ano que Amado atualiza a 12ª edição do guia, sendo essa a segunda atualização desse guia que tanto utilizamos nesse trabalho, e que segundo ele “Conservou-se no entanto sem maiores alterações toda a parte de interpretação da cidade e de seu povo, pois não mudou a Bahia no fundamental, em sua beleza antiga e em seus problemas” (AMADO, 1966, n.p.).

As revisões⁷² do Guia foram sendo realizadas para acompanhar as transformações da cidade e a própria linha de pensamento do autor, que fez retiradas e inserções de textos, permanência de informações e acréscimos de novas informações e mudança do título, que encurtou. A edição de 1977, como já dito neste trabalho, foi a que passou por uma grande atualização, tanto textual como ilustrativa, com uma promoção turística de uma Bahia negra e de um sincretismo religioso e de uma *ideia de Bahia*, permeando todo o Guia revisado e inserido no capítulo *Baiano é um estado de espírito*.

oligarquias agrárias, e inicia modelo de modernização conservadora, respaldado no apoio dos militares. (GeoTextos, vol. 9, n. 1, jul. 2013. L. Ferreira, E. Dantas. 113-127). Disponível em: file:///C:/Users/ricar/Downloads/6369-Texto%20do%20Artigo-22881-1-10-20130713.pdf. Acesso em: 01 jun 2023.

⁷⁰ No mesmo ano, Amado torna-se Imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira que pertencia a Octávio Mangabeira, ele que antes fez críticas à ABL quando mais jovem, “pensemos na vida e não na imortalidade” (Acervo Diretrizes apud AGUIAR, 2018, n.p.), e que pertenceu à Academia dos Rebeldes, nome escolhido como crítica ao academicismo.

⁷¹ Durante a ditadura, o governo federal, tal qual Vargas, utilizou o turismo como meio de encobrir a verdadeira situação de um Estado conhecido pela política de repressão e violência. E na Bahia o turismo, sob o governo militar, aparece mais durante as gestões de Luís Viana Filho (1967- 1971), Antônio Carlos Magalhães (ACM), nas gestões de (1971-75) (1979-1983) e de Roberto Santos (1975-1979), sendo ACM o que mais lançou mão da literatura de Amado para a construção de uma imagem turística baseada na *baianidade*, período marcado pela por forte industrialização na Bahia.

⁷² Em toda a obra de Amado, apenas o livro Cavaleiro da Esperança e o guia da Bahia passaram por alterações em suas reedições. As revisões em Cavaleiro da Esperança aconteceram por vontade do biografado e do biógrafo.

O guia de Amado inspirou outros guias turísticos, alguns lançados à mesma época: *Breviário da Bahia* (1945) — não é exatamente um guia, mas traz uma homenagem à cidade —, de Afrânio Peixoto, *Bêabá da Bahia Guia Turístico* (1951), de José Valladares, *Imagens da Terra e do Povo* (1951), de Odorico Tavares, *Bahia Cidade Feitiço* (1957), de Carlos Torres e *Festas populares da Bahia* (1957), de Jayme de Faria Góes. Em todos eles a valorização dos contornos geográficos, patrimoniais e históricos da Bahia, concebendo a construção do imaginário de baianidade (PINHO, 1998).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apreender, na obra *Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador*, de Jorge Amado, a forma lírica como o autor narrou a aptidão turística do patrimônio do núcleo colonial de Salvador e a promoção das singularidades da cidade repleta de sentidos e a sua gente, entendendo a literatura como estudo das implicações políticas e questões teóricas. Assim como, a valorização dessa cidade narrada por Jorge Amado, no guia, revelando lugares, paisagens, teatros, cinemas, o elevador Lacerda, os bondes, as ladeiras, a demolição da Igreja da Sé e os seus protagonistas, contribuíram, através da sua literatura, para a composição deste trabalho.

Tratamos sobre como Amado descreve a cidade e de como Manuel Martins interpreta essa narração na sua ilustração. Através das imagens verbais de Jorge Amado e das imagens visuais de Manuel Martins, teremos as primeiras imagens turísticas da Bahia, a representação da densidade histórica da cidade e da sua riqueza patrimonial, denunciando as condições de miséria que viviam as classes menos favorecidas no antigo centro da cidade, na contramão do conteúdo de um guia convencional, demonstrando a face histórica da cidade e suas questões patrimoniais, culturais e políticas, como explicou Tatiane Ferreira em seu trabalho de dissertação.

Tecemos sobre como a cidade de Salvador já havia passado sobre impactos urbanísticos logo nas primeiras décadas do século XX, pela ganância de poder e em nome de intentos modernizadores. Algumas ruas já haviam sido rasgadas e patrimônios históricos culturais se perdido, fazendo com que Amado, no guia, passasse a sensação de uma cidade que não existe mais.

Falamos um pouco sobre a multiplicação dos guias turísticos nas primeiras décadas do século XX, período em que as viagens se popularizavam, e sobre a inserção do turismo e de uma política para o turismo durante a Era Vargas. Até o lançamento do guia de Amado, traçamos a trajetória do autor, a rede de contexto histórico, artístico, intelectual e político em que estava situado e a reverberação desse guia que teve, até aqui, 42 edições.

Pudemos perceber que, enquanto realidade econômica, equipamentos culturais como o patrimônio, temperamento baiano, negritude e miscigenação, são capazes de gerar fluxos turísticos e dar corpo a uma identidade cultural fabulada. Fatores relevantes como relações e relações de poder, contribuíram para tais acontecimentos.

O apelo para a preservação das características tradicionais da cidade, repercutidas no guia e as formas iniciais de preservação do patrimônio através de órgãos conduzidos pelo Governo, salvaguardando equipamentos a partir da qualidade e quantidade, classificando o que seria ou

não patrimônio cultural, conforme ancestralidade, elitismo e erudição, podem ter desdobramentos para novos trabalhos e pesquisas.

A revitalização de equipamentos culturais tendo como ponto de partida a obra de Jorge Amado e nela, o guia, podem servir de elucidação para novas pesquisas, por meio da imbricação da Museologia e da literatura.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Josélia. **Jorge Amado**: Uma biografia. São Paulo: Todavia, 2018.

AMADO, Jorge. **Velhos Marinheiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1961].

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos**: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador. São Paulo: Martins, 1945.

_____. **Bahia de Todos os Santos**: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador. São Paulo: Martins, 1966.

BANDEIRA, Manuel. **Guia de Ouro Preto**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

CALIXTO, Carolina Fernandes. Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais. 2011. 170f. Dissertação (mestrado), Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em História, 2011.

CAROSO, Carlos; TAVARES, Fátima; PEREIRA, Cláudio (Org.). **Baía de Todos os Santos**: Aspectos Humanos. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6264/1/BAIA%20DE%20TODOS%20OS%20SANTOS_ASPECTOS%20HUMANOS.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

CARVALHO, Anselmo F. M. “Baianidade”, Política e a Consolidação do Turismo na Bahia nas décadas de 1950 a 1970. XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social, Natal, RN, 22 a 26 jul. 2013. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363226755_ARQUIVO_ArtigoAnselmoAnpuh2013.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

CERAVOLO, Suely M. O Museu do Estado da Bahia, entre ideais e realidades (1918 a 1959). **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, [S. l.], v. 19, n. 1, 2011, p. 189-246. DOI: 10.1590/S0101-47142011000100007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5547>. Acesso em: 5 jul. 2023.

CISNE, Rebecca; GASTAL, Susana. Turismo e sua história: discutindo periodizações. **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, Saberes e fazeres no turismo: interfaces, 9 e 10 jul. 2010, Universidade de Caxias do Sul. ISSN 1806-0447. Disponível em:

https://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/09/Turismo%20e%20sua%20historia.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

COSTA, Claudia. Para além de São Paulo, o Brasil também era modernista. **Ciclo22**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://ciclo22.usp.br/2022/03/04/para-alem-de-sao-paulo-o-brasil-tambem-era-modernista/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma Teoria da Literatura de Viagens. *In*: CRISTÓVÃO, Fernando (Org). **Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens Estudos e Bibliografias**. Coimbra: Almedina, 2002.

ENCARNAÇÃO, Elisângela Sales. **A Bahia imaginando-se nação**: discursos que forjaram uma identidade cultural baiana entre as décadas de 1940 e 1970. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-graduação em História Regional e Local, 2010.

FERREIRA, Tatiane Almeida. **A Construção da imagem da Bahia turística em Bahia de todos os santos**: guia de ruas e mistérios, de Jorge Amado. 2018. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura), Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2018.

FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental do Recife**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

_____. **Olinda segundo guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

GATAI, Zélia. Discurso de Posse. **Academia Brasileira de Letras**, 2002. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/zelia-gattai/discurso-de-posse>. Acesso em: 4 jul. 2023.

GELL, Alfred. **Arte e Agência**. São Paulo: Editora Ubu, 2018.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Uma leitura antropológica de Jorge Amado: dinâmicas e representações da identidade nacional. **Diálogos Latinoamericanos**, n. 5, 2002, p. 109-133.

GOMES, Álvaro Cardoso. **Jorge Amado**: literatura comentada. 1 ed., São Paulo: Abril Educação, 1981.

GUIMARÃES, Valéria Lima. **O turismo levado a sério**: Discursos e relações de poder no Brasil e na Argentina (1933-1946). 2012. Tese (Doutorado em História Comparada) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

JOHNSON, R. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). **Revista USP**, [S. l.], n. 26, 1995, p. 164-181. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i26p164-181. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28160>. Acesso em: 5 jul. 2023.

MARQUES, Cláudio E. Cardoso. **Cicerone** Discurso Histórico como Recurso Turístico. Tese (doutorado) Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Antropologia, 2012.

KELSCH, Leonardo Teixeira. **Turismo em Salvador na Era Vargas**: a trajetória das políticas de inserção da atividade na cidade da Bahia entre os anos de 1930 e 1945. 2018. 327f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, 2018.

KRONES, Joachim Michael. Turismo e Baianidade: a construção da marca “Bahia”. **III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 23 a 25 maio de 2007, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2007/JoachimMichaelKrones.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2023.

NEGRO, Antonio Luigi; BRITO, Jonas. Insurgentes incendeiam a cidade da Bahia: o quebra-bondes e a Revolução de 30. **Estudos Históricos** [Recurso Eletrônico]. Rio de Janeiro, v.33, n.71, set./dez. 2020. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/38421>. Acesso em: 4 jul. 2023.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Gilberto Freyre e a Valorização da Província. **Revista Sociedade e Estado**, v. 26, n. 1, p. 119-149, jan./abr. 2011.

PINHEIRO, Eloisa P. **Europa, França e Bahia**: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2011

PINHO, Osmundo S. de Araujo. A Bahia no Fundamental: notas para uma interpretação do discurso ideológico da baianidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 13, n. 36, fev. 1998.

QUEIROZ, Lúcia Aquino de. **Turismo na Bahia**: estratégias para o desenvolvimento. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo-BA, 2002.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990.
RISÉRIO, Antonio. **Uma história da Cidade da Bahia**. 2 ed. Rio de Janeiro: VERSAL, 2004.

SANT'ANNA, Márcia. **Da cidade-monumento à cidade-documento: a norma de preservação de áreas urbanas no Brasil 1937-1990**. Salvador: Oiti Editora, 2014.

SANTOS FILHO, João dos. O turismo na Era Vargas. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, 29 ago/ 2 set. 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r2365-1.pdf>. Acesso em: 7 maio 2023.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade do salvador: estudo de geografia urbana**. Salvador: Universidade da Bahia, 1959.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEIXO, Maria Alzira (Org.). **A viagem na literatura**. Mem Martins-Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

SILVA, Paulo Santos. **Âncoras da tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)**. Salvador: EDUFBA, 2000.

TÁTI, Miércio. **Jorge Amado: vida e obra**. Belo Horizonte, 1961.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11 ed. São Paulo: Editora UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.

TOZZ, César. O presente como arte entre passado e futuro. **O Globo**. Rio de Janeiro: 11 dez 1977.

VALLADARES, José. **Bêabá da Bahia: guia turístico**. Salvador, BA: Turista, 1951.